

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Geisa Helena Alves Mendes Fernandes

*Fragmentos de experiências: memória das mulheres
idosas em Uberlândia (1990-1998)*

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZA-
GEM DE HISTÓRIA - UFU

N.º 1277

Data 02/10/98

Uberlândia 1998

00893-FRAGMENTOS DE EXPERIÊNCIAS MEMÓRIA

A

Autor: FERNANDES, GEISA HELENA ALVES MEN

Trad.: \\\

Edit.: UFU
UBERLÂNDIA

MG

S. 8 (n).

Geisa Helena Alves Mendes Fernandes

*Fragmentos de experiências: memória das mulheres
idosas em Uberlândia (1990-1998)*

*Monografia apresentada como
exigência parcial para obtenção de título
de Bacharel em História, à
Universidade Federal de Uberlândia,
sob orientação da Prof^a. Carmem
Lúcia Figueira Balbino*

Uberlândia, 1998

Banca

Carmem M'cio F. Malfin

Prof^a. Carmem Lúcia Figueira Balbino

Gizelda Costa da S. Simonini

Prof^a. Ms. Giselda Costa e Silva Simonini

João

Prof. Dr. João Marcos Além

Aprovada
com a

Nota: 900

Malfin

Agradecimentos

A Deus...
Aos meus pais,
Às minhas entrevistadas,
Aos meus mestres,
À minha orientadora Prof^a. Carmem Lúcia Figueira Balbino,
Aos meus companheiros de academia e
A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho,

Meus sinceros agradecimentos.

*Ao meu marido Tomaz e à minha
amada Priscilla, pelo apoio e
compreensão.*

Homenagem Póstuma

Dona Inácia

"De repente do riso fez-se o pranto...

Fez-se do amigo próximo o distante:

Fez-se da vida uma aventura errante

De repente, não mais que de repente"

(Vinícius de Moraes)

Jamais a esquecerei...

Sumário

<i>Introdução</i>	01
<i>1 – Visibilidade da Velhice</i>	05
<i>Cap. 1 – O envelhecimento no contexto brasileiro</i>	06
<i>1.1 – Mulheres Idosas: lembranças, saudades, solidão</i>	07
<i>2 – Entidades de Apoio à Terceira Idade</i>	16
<i>1 – C.E.A.F. e Programas conviver</i>	17
<i>2 – SEEC</i>	27
<i>3 – Considerações</i>	32
<i>3 – Depoimentos</i>	35
<i>1 – Relembrando: Fragmentos da memória</i>	36
<i>Depoimentos</i>	39
<i>A. D. Nilza</i>	39
<i>B. D. Inácia</i>	47
<i>C. D. Terezinha</i>	57
<i>D. D. Olinda</i>	61
<i>E. D. Conceição – SEEC</i>	67
<i>F. D. Dorvina – SEEC</i>	71
<i>2- Considerações</i>	77
<i>Conclusão</i>	81
<i>Bibliografia</i>	90

Introdução

*"No Teatro da memória, as mulheres
são sombras tênues". Michelle Perrot*

Introdução

Os olhares dos pesquisadores e pesquisadoras tornaram-se atentos para perceber a emergência das novas formas de sociabilidade e subjetivação no cotidiano da vida social, ao longo da História. Não por mera coincidência, cresceu nos meios acadêmicos, sobretudo nos anos oitenta, o que se poderia chamar de uma historiografia dos vencidos e marginalizados; enquanto nas ruas, vários setores sociais se mobilizaram em torno da afirmação da própria identidade e pela demanda dos novos e antigos direitos de cidadania.

Neste sentido, vale destacar o crescimento da área de estudos feministas nas Universidades, enquanto muitos teóricos vêm colocando o feminismo como um modo de pensar novo, ao lado, por exemplo, das teorias pós-modernas e da psicanálise¹. Como afirma Michelle Perrot²: *“(...) Tornar visível, acumular dados, instituir lugares da memória (arquivos de mulheres, dicionários...) foi uma das preocupações de uma história das mulheres em plena expansão nos últimos quinze anos. E na falta de testemunhos escritos, buscou-se fazer o testemunho oral. (...) As mulheres se acostumaram com o gravador, sentindo até um certo orgulho no uso dele. Os asilos femininos tornaram-se campo de pesquisa, com alegrias diversas...”*

¹ Rago, Margareth, Adeus ao Feminismo? Feminismo e (Pós) Modernidade no Brasil. In.: Cadernos AEL/Arquivo Edgard Leuenroth. UNICAMP, Campinas, S. P., n.º 3/4, 1995/1996.

² PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. In.: Revista Brasileira de História. S. Paulo, Vol. 9, n.º 18, 1989.

Assim, considero de fundamental importância codificar e sistematizar fatos, acontecimentos, documentos, que possam auxiliar na exposição ou retratação de alguns momentos dessa história, trazendo a memória de volta, retomando aos poucos os acontecimentos — mesmo que fragmentados — de uma determinada época os quais resultaram no atual presente e seguem para a transformação do futuro.

Pela força das circunstâncias, as fontes de nossa história são poucas, na medida que se privilegiou a cena pública de onde as mulheres estavam ausentes, o que prejudica o trabalho do pesquisador. No entanto, com esforço e baseando-me principalmente em depoimentos orais, foi possível encontrar uma ligação entre o passado e o presente, buscando, através da memória das mulheres idosas, entender um pouco desse universo, e tentando, dessa forma, dar-lhe uma visão de conjunto.

A história das mulheres não é apenas o estudo dos preconceitos e discriminações do passado, mas é rica em dados, fatos, questões, reflexões e detalhes que contribuem para uma historiografia mais complexa e mais verdadeira. Este tipo de história não vem apenas corrigir ou suplantiar os registros do passado, mas é um modo de se compreender e somar novos conhecimentos históricos.

Este trabalho é uma experiência modesta que poderá ser aperfeiçoado com críticas e novas pesquisas de estudantes e professores que, assim como eu, ousarem desbravar terrenos até agora pouco conhecidos.

Optei por trabalhar com as mulheres idosas nos anos 90, levando em conta a preocupação que começou a surgir e a crescer, neste período, com o envelhecimento da população brasileira, e o surgimento de vários projetos e entidades ligadas a esta questão. O caminho se fez através da análise de entrevistas, e documentos de entidades. A partir daí, tendo observado as contradições existentes na discussão da questão “velho”/“velha”, ampliei a discussão para abarcar os chamados “grupos de Terceira Idade”.

Enfim, e as emoções, e as razões das emoções? Como ficam as lembranças do que passou esta mulher já tão discriminada pela sociedade? Nada do que ela viveu, sua história, não têm algum sentido? O que mudou? O que melhorou ou piorou? Essa mulher “vivida” busca, em suas lembranças, estabelecer entre seu passado e seu presente um paralelo de experiências as quais começam a montar sua vida aos poucos, com pequenos fragmentos, pequenas lembranças e, muitas vezes, grandes saudades...

Finalizando, como afirma Marcos A. da Silva³. (...) *“O trabalho do historiador com a memória social, o questionamento do lugar do qual este profissional fala e as diversas formas de divulgação dos resultados obtidos na pesquisa, está no cerne da produção do saber histórico”*.

³ SILVA, Marcos A. A História e seus Limites. In.: Revista História e Perspectivas, Uberlândia, Jan/Jun, 1992.

Visibilidade da Velhice

"...É absurdo o destino das mulheres. Durante toda a vida precisam esconder seu sangue e, no entanto, seu sangue é uma legião de honra uma vez que, quando elas são obrigadas a tirar essa decoração bem vermelha, não são mais mulheres, são crianças ou avós"...

Marie Cardinale

Cap. 1 – O envelhecimento no contexto brasileiro

O objetivo deste trabalho é refletir sobre as experiências vividas por mulheres idosas, que socialmente pertencem a uma classe menos favorecida, buscando estabelecer a relação de seu passado com o presente, num contexto onde se relacionam os problemas de uma velhice pobre na complexa sociedade contemporânea.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), idoso(a) é aquele que possui mais de 60 anos. Mas, no Brasil, a faixa etária que define o idoso(a) é a partir de 50 anos, por questões econômicas e sociais. O brasileiro(a) começa a trabalhar muito jovem, e enfrenta durante toda a sua vida excessivas jornadas de trabalho; quando se aposenta, seu salário, normalmente, não é suficiente para garantir sua sobrevivência. A partir desse momento se inicia o processo de uma velhice doente, com desgastes físicos e psicológicos, sem assistência do setor público. Uma situação trágica e de exclusão que, atualmente, desafia sociedade civil e a política. Envelhecemos rápido demais. Nossa velhice é extremamente influenciada pelas nossas condições sociais e elas marcam o compasso e o ritmo do envelhecimento.

Dados fornecidos pelo “Jornal Nacional”, exibido pela Rede Globo de Televisão em 26/09/97, apontam que o Brasil possui treze milhões de pessoas com mais de sessenta anos. Guitta Grin Debert⁴ afirma que, em muito breve,

⁴ DEBERT, Guitta Grin. Gênero e Envelhecimento. In.: Revista de Estudos Feministas. Vol. 2, n.º 3, 1994.

“nossa pirâmide populacional, cuja base é composta por jovens e crianças, sofrerá uma transformação; o número de idosos está crescendo, mas não se está dando o devido cuidado ao fato de a população idosa já corresponder a quase 7% da população; a partir do ano 2.000 a população brasileira de 60 anos ou mais estará crescendo a taxas oito vezes superiores às taxas de crescimento da população jovem e duas vezes superiores às taxas de crescimento da população total”. Consequentemente, o envelhecimento da população brasileira é fato incontestável.

1.1 – Mulheres Idosas: lembranças, saudades, solidão...

Envelhecer em nossa sociedade e falar da mulher idosa, ainda são tabus. Até mesmo entre os grupos de “terceira idade”, alguns assuntos — por exemplo: sexo — despertam constrangimentos nas próprias mulheres. Talvez por culpa de uma sociedade que padroniza valores e comportamentos e ainda estipula o que pode ou o que é conveniente fazer, de acordo com a idade.

Do idoso(a) espera-se um comportamento extremamente adverso do jovem, e da criança. Nossa sociedade associa a questão “envelhecer” com uma vida praticamente inutilizada pela perda da produtividade e, dentre os vários conceitos e padrões culturais, os idosos(as) são excluídos da vida ativa. Para a mulher, envelhecer sempre foi um verdadeiro tabu, sinônimo da perda

do viço, do frescor, da beleza, do poder de sedução; a mulher madura é considerada menos desejável até por ter seu período fértil acabado e por tantos outros preconceitos.

Essa visão negativa da mulher, frente à questão da velhice, é fabricação de um sistema social que sempre a criou de uma forma patriarcal, na qual só se valoriza a figura masculina.

No seu livro “Mulher na Menopausa”⁵, Edda Gutiérrez afirma que *“vivemos numa sociedade machista e altamente consumista de padrões onde apenas são valorizados a beleza e a juventude, sem se respeitar a vivência e experiência de vida dos velhos, as minorias e os ‘diferentes’; que a mulher que já é uma cidadã de segunda categoria sofre a pressão de conceitos que determinam a sua dupla discriminação na maturidade”*.

O que é ser uma idosa? Ter mais de cinquenta, sessenta anos? Como descobrir novas alternativas para uma melhor qualidade de vida? Como continuar a produzir, a ser respeitada e não discriminada? Qual o ponto de partida neste “final” a ela imposto? Quais as chances de se redescobrir, realizando-se pessoalmente, buscando o prazer em suas mais diversas formas: na vida útil, sexual e afetiva ? Como manter aberto um campo de trabalho que se fecha para o idoso(a), inutilizando todo um potencial de conhecimentos adquiridos ao longo de toda uma vida? Com a velhice, tudo perdeu o sentido?

⁵ GUTIÉRREZ, Edda. Mulher na Menopausa: declínio ou renovação? Rio de Janeiro, Ed. Rosa dos Tempos, 1992.

São impasses, e perguntas (e numa questão puramente pessoal) que são também minhas indagações, meus medos e minhas incertezas. Será a velhice apenas sinônimo de rugas, cabelos brancos, impotência, depressões e solidão? Dia vinte sete e setembro - Dia Nacional do Idoso — terá esse idoso, aqui representado pela figura feminina, muito o que comemorar?

O psicólogo Arnaldo Richaymon⁶, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, realizou um trabalho sobre o sexo na Terceira Idade, evidenciando que 80% (oitenta por cento) das mulheres idosas não possuem atividades sexuais e que na crescente massa da população idosa 43% (quarenta e três por cento) das mulheres vivem sozinhas, contra apenas 26% (vinte e seis por cento) dos homens idosos. Mais uma vez, os dados aí estão provando que a velhice é também mais difícil para a mulher. A depressão, a descrença, o choque de se tomar consciência que o poder de sedução está acabando, batem no espelho da mulher que sente o peso de envelhecer em uma sociedade que cobra cada vez mais energia, vigor produtividade. As pesquisas, entrevistas e levantamentos que auxiliaram nesse trabalho nos colocam diante do quadro das transformações femininas que estão atingindo nossa sociedade onde, não só os jovens se modificam, mas o comportamento também. Aos poucos as mudanças, chegam até a mulher da terceira idade.

Vejamos, num primeiro momento, a discutível questão da "idade de ser idosa".

⁶ Arnaldo RICHAYMON, "Bom Dia Brasil" (Rede Globo de Televisão), em entrevista concedida no dia 15/07/96.

Nas décadas passadas, uma mulher de 30 anos já era considerada uma senhora, pois os padrões culturais de nossa sociedade a consideravam “madura”. Uma mulher acima dos 45 anos já deveria se considerar e se comportar como uma velha. O casamento era uma instituição de peso na sociedade e as mulheres se casavam muito mais moças; na verdade, garotas adolescentes de 14/15 anos que tinham seus filhos ainda meninas. O casamento era sinônimo de segurança e bem estar social e até financeiro para a mulher; ao mesmo tempo, era sua afirmação como mulher honrada e digna perante a sociedade. Era o sonho dourado de toda mulher solteira. Hoje, o casamento já não é mais visto como uma solução para a mulher. O termo “ficar pra titia” ficou tão distante quanto a necessidade de se ter um companheiro para garantir ser mulher decente, boa senhora, dedicada mãe e extremosa e exemplar dona de casa.

Nas entrevistas realizadas, poucas mulheres se queixaram da falta do marido, daquele tipo “padrão”, provedor e dono da casa. Na maioria das vezes, a queixa das mulheres idosas de menor poder aquisitivo vem da falta dos filhos que cresceram, casaram ou que, de alguma forma, estão cuidando de suas vidas, longe do contato com a mãe.

Outras falaram com euforia da alegria proporcionada pelos netos, de como eles preenchem todos os vazios. Algumas estão felizes por estarem incluídas nos grupos de terceira idade, integradas às festas, bailes, excursões, práticas de esporte, pelo surgimento de novos amigos e novas

chances de ainda estudarem, aprenderem e executarem inúmeras e novas atividades.

A questão financeira foi outro fator que chamou atenção. A idosa, em sua maioria, ainda produz muito para garantir sua sobrevivência e até de sua família. Ela auxilia sempre que pode; umas lavando, outras passando roupas, outras costurando, bordando, fazendo bolos, doces e salgados para festas, pinturas, vendendo produtos de beleza, bijuterias e outras atividades afins. Em um outro grupo estão as professoras já idosas que, além de lecionarem, ainda acumulam as tarefas domésticas, organizando suas casas no pouco tempo que lhes resta.

A maioria das entrevistadas desse trabalho é pensionista dos seus maridos. Outras recebem suas parcas aposentadorias e necessitam executar outras atividades paralelas que, mesmo pequenas e pouco remuneradas, ajudam a reforçar o orçamento da casa.

Embora não seja objeto deste trabalho, não posso deixar de citar um outro grupo de mulheres. O grupo de mulheres emancipadas e independentes, acima de 50 anos, que teve oportunidade de estudar e de se profissionalizar, tendo uma vida mais ativa e dinâmica. Esse grupo de mulheres, mais cosmopolita, tem contribuído decisivamente para que o processo de transformação da mulher idosa ocorra mais rapidamente. Representa, na verdade, uma peça de suma importância nesta engrenagem que movimenta a vida da mulher moderna, profissional competente, segura, atuante e bonita.

Consequentemente, abre espaços de uma forma que vai além do que supunham as mulheres de décadas passadas. Ela luta por seus direitos, atua no mercado de trabalho, luta por sua beleza, sua ideologia, administra a vida doméstica e familiar, frequenta bares, restaurantes e outros eventos, sozinha ou acompanhada.

No entanto, todas estas mulheres viveram no mínimo 50 anos e o tempo que passou deixou suas marcas. Embora estejam, em sua maioria, lutando por melhorias em suas vidas, para serem aceitas como simplesmente mulheres mais "vivas" e não excluídas, não inúteis, estas mulheres terminam por serem melancólicas, porque já incorporaram o ser "idosa", de acordo com os estereótipos construídos historicamente.

Por possuir sentimentos em fusão, como a razão e a paixão, a mulher às vezes se assusta com seus próprios medos, com seu próprio tempo que passa e que para ela parece passar cada vez mais rápido. Daí vem a depressão, uma tristeza imensa e inexplicável, num mundo que se torna cada vez mais preto e branco, sem cor, sem luz, e a sensação de fim do poço. Assim surge seu pior fantasma: a solidão.

A solidão chega de forma estúpida e violenta, dilacerando sua alma, tirando o sentido de tudo, deixando um buraco fundo, um vazio e... saudades. Lembranças e mais lembranças que vão reconstruindo aos poucos um passado ora belo, ora nem tanto, ora difícil, mas que, de qualquer forma, é passado.

Então ela entra no que se chama de estado de sobrevivência, como se refere Ecléa Bosi⁷. *"Ser velho na sociedade capitalista é sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai se tornando cada vez mais viva, a 'velhice' que não existe para si mais somente para o outro. E este outro é um opressor"*.

Passamos então a questionar a memória da idosa. Suas lembranças são apenas flashes de seu passado? Será que tudo que uma mulher viveu perde-se para sempre? Se recuperarmos estas lembranças estaremos construindo uma história, memorizando, percebendo e anotando passos que construíram, que, de uma forma ou outra, fizeram uma vida?

Ecléa Bosi ainda cita que os velhos *"... são a fonte de onde jorra a essência da cultura, pois como escrevera Benjamim, só perde o sentido que no presente não é percebido como visado pelo passado"*⁸. Ela ainda prossegue afirmando que temos que lutar pelo velho pois eles são guardiões do passado e que são desarmados por uma sociedade capitalista que impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos.

Essa sociedade oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa. Ainda segundo Ecléa Bosi *"... oprime-se o velho por intermédio de mecanismos institucionais visíveis (a burocracia da aposentadoria e dos asilos), por mecanismos psicológicos*

⁷ BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos. São Paulo, T. A. Queiroz, 1979.

*sutis e quase invisíveis (a tutelação, a recusa do diálogo) e da reciprocidade que forçam o velho a comportamentos repetitivos e monótonos, a tolerância, má fé que, na realidade é banimento e discriminação por mecanismos técnicos, por mecanismos científicos (as pesquisas que demonstram a incapacidade e a incompetência sociais do velho)*⁸.

É doloroso envelhecer neste país, mas as pessoas e toda a sociedade precisam se dar conta de que estamos todos envelhecendo a cada instante. Por condições econômicas, sociais e até culturais, as famílias estão cada vez menores; nascem cada vez menos crianças e, conseqüentemente, teremos cada vez mais idosos em nosso meio, num futuro bem próximo. Está mais do que na hora de se pensar a condição de vida do idoso, preparando nosso futuro para a velhice, buscar mais respeito e dignidade, repensar valores e memórias, proteger o passado, proteger a história e proteger o idoso melhorando sua qualidade de vida.

É preciso a transformação da sociedade, para que haja uma ruptura como os conceitos preestabelecidos pelos padrões contemporâneos, no que se refere ao idoso e, especificamente neste caso, da mulher idosa, que experimenta, neste período de sua vida, dupla vulnerabilidade, ou seja, a discriminação por ser mulher e por ser idosa.

Segundo Guita Grin Debert no artigo "Gênero e Envelhecimento", a *"preocupação crescente com o envelhecimento e com a melhoria da qualidade*

⁸ Bosi, Ecléa. Op. Cit. p XVIII

⁹ Bosi, Ecléa. Op. Cit. p XVIII

*de vida na sociedade brasileira muda não apenas a sensibilidade investida na velhice, mas tende a transformar o envelhecimento em uma experiência radicalmente distinta para homens e mulheres*¹⁰. As representações sobre a velhice nos programas e universidades voltados para a Terceira Idade, e aqueles presentes nas associações dos aposentados permitem descrever como uma nova sensibilidade, em relação ao avanço da idade, é traduzida em um conjunto de práticas concretas que transformam o envelhecimento em uma experiência coletiva diferente para homens e mulheres.

As transformações podem ocorrer por diversas formas. Nos grupos e entidades que trabalham com o idoso, estas transformações estão mais aptas a acontecer, tendo em vista que a idosa ali chega em busca de algo mais; algo que possa dar um colorido ou abrir novas chances e novas perspectivas de felicidade em sua vida. O objetivo dos programas é lutar contra os preconceitos e promover a auto-estima dos idosos.

No capítulo a seguir, exporemos os projetos que as entidades de apoio à Terceira Idade buscam promover, visando melhorar a qualidade de vida dos idosos. Optei por expor duas entidades: O SESC (Serviço Social do Comércio) e o C. E. A. I (Centro Educacional de Assistência Integrada) por serem estas instituições as que mais se destacam no trabalho com a Terceira Idade em Uberlândia.

¹⁰ DEBERT, Guita Grin. Op. Cit. p. 34.

2

Entidades de Apoio à Terceira Idade

*"Com perdão da palavra quero cair na
vida"*

Adélia Prado

1 - C.E.A.I. e Programas conviver

Felizmente, alguns passos já estão sendo tomados no sentido de promover a integração e criar atividades ocupacionais para os idosos, com alternativas para valorizá-los e até mesmo trazendo esses idosos para a execução de tarefas que vão retorná-los ao trabalho, provando que na velhice também se produz.

Uberlândia, segundo minhas pesquisas, em matéria de estatísticas nos jornais locais, possui hoje uma população com cerca de 8% (oito por cento) de idosos. Os asilos da cidade, particulares ou não, estão empenhados em assistir da melhor forma possível o idoso, prestando serviços, atendimentos e diversificando atividades.

Instituições como o SESC, C. E. A. I. e Projetos "Conviver" nos bairros, atuam com os chamados "grupos de terceira idade". Estes programas proliferaram no contexto brasileiro dos últimos anos. Terceira Idade é um termo que recentemente e com muita rapidez se popularizou no vocabulário. É uma forma de tratamento das pessoas idosas que ainda não adquiriu uma conotação depreciativa.

Nesses grupos de apoio à Terceira Idade acima citados, são realizados jogos, excursões, atividades pedagógicas, aulas de pintura, corte e costura, introdução à informática, cursos de língua estrangeira, de higiene pessoal com cortes de cabelos e unhas, bailes, palestras, assistência médica,

psicológica e outras atividades que atuam como alternativas para minimizar a solidão e voltar a integrar o idoso à sociedade.

“Nos programas para a Terceira Idade, a luta contra os preconceitos e estereótipos leva a uma celebração da Terceira Idade e do processo de envelhecimento, considerado então como um momento privilegiado na vida em que a realização pessoal, a satisfação e o prazer encontram o seu auge e são vividos de maneira mais madura e profícua”, afirma Guita Grin Debert¹¹.

O que é o C. E. A. I. e como funciona?

C. E. A. I. significa Centro Educacional de Assistência Integrada. Está situado à Av. Rondon Pacheco, 5865(Uberlândia - MG) e tem como diretora da Divisão de Apoio e Integração ao Idoso Maria Cristina Rodrigues Maia.

Foi inaugurado em 31 de agosto de 1991 com a finalidade de atender a população com idade mínima de 50 anos.

No intuito de oferecer a esta população um serviço mais qualificado, estabeleceu-se como objetivos:

- Prestar atendimentos nas áreas de : saúde, Educação, Cultura e Lazer, contribuindo para uma melhor qualidade de vida.
- Valorizar a pessoa idosa, incentivando - a nas suas habilidades e potencialidades.
- Buscar a integração família - sociedade - idoso.

¹¹ DEBERT, Guita Grin. Op. Cit. p. 35.

➤ Desenvolver um trabalho multi e interdisciplinar, visando garantir a efetivação destes objetivos.

Para o atendimento dos idosos, o C. E. A. I. conta com uma equipe de profissionais formada por:

Assistentes sociais, Auxiliares de Serviços Gerias, Dentista, Estagiários de Serviço Social, Psicologia e Fisioterapia, Fisioterapeutas, Instrutoras de Trabalhos Manuais, Médicos, Motoristas, Oficiais Administrativos, Office-boy, Professores de Educação Física, Psicólogas, Técnico em Enfermagem e Técnico em Higiene Dental.

O Horário de funcionamento do C. E. A. I. é de segunda à sexta-feira , das 7h30 às 11h00 e das 13h00 às 17h30.

Toda pessoa com 50 anos ou mais tem o direito de freqüentar o C.E.A.I.

Ao inscrever-se nas atividades, o idoso passa pelo setor de Serviço Social e preenche uma ficha com seus dados de identificação , para que seja cadastrado como usuário.

Pode-se fazer , também, a Carteira de Identificação do participante do C. E. A. I.

Como fazê-la ?

- Procurar a recepção do C.E.A.I.
- Levar uma foto e um documento de identificação.

Para que serve?

Para se identificar na entrada de bailes e outros eventos.

Atividades desenvolvidas pelo C. E. A. J.

Alfabetização de adultos

Tem por finalidade possibilitar ao idoso que não teve oportunidade de freqüentar a escola, a aprendizagem da leitura e da escrita.

São oferecidas turmas para Alfabetização e Pós - alfabetização.

Aulas Especiais

Yoga: São exercícios livres, -feitos- como concentração , que possibilitam o relaxamento, integração e harmonização entre o corpo e a mente, ocasionando um equilíbrio biopsíquico. Trabalha a respiração, resultando maior bem estar.

Relaxamento: Tem como objetivo diminuir a angústia e ansiedade, proporcionado reequilíbrio entre as funções do organismo, também possibilita às pessoas um maior contato consigo mesmas.

Aulas de Dança de Salão: O objetivo é aprimorar os pares passando-lhes as técnicas da arte de dançar. Isto proporcionará aos casais dançantes se apresentarem em eventos promovidos pela Divisão de Apoio e Integração do Idoso e outros.

Aulas de Música: Têm por finalidade levar o idoso a desenvolver e/ou aperfeiçoar suas habilidades e potencialidades musicais , através do canto .

Atendimento Fisioterápico:

Objetivos: - Prevenção de incapacidades físicas;

- Tratamento das doenças ortopédicas, seqüelas neurológicas, reumatológicas, cardio-respiratórias e vasculares, buscando a funcionalidade e maior independência nas atividades da vida diária.

Como procurar o atendimento de Fisioterapia?

1. Consultar com o médico do C. E. A . I. ou levar pedido para Fisioterapia do seu médico particular.
2. Preencher uma ficha com a equipe do Serviço Social.

3. Aguardar a chamada para avaliação e tratamento.

Atendimento médico: O objetivo deste atendimento é a prevenção das alterações da saúde e suas complicações na Terceira Idade. Este trabalho é realizado por médicos da área de Clínica Geral. As consultas semanais são marcadas às segundas - feiras a partir de 7h30.

Atendimento Odontológico: Faz-se um tratamento curativo que inclui restaurações, extrações e raspagens. Existe, ainda, o Projeto de Prótese Dentária, no qual são atendidos doze pacientes/mês.

Atendimento Psicológico: Consiste em sessões individuais ou em grupo. Nelas, as pessoas podem ter um tempo para si mesmas, isto é, têm a possibilidade de expressar seus sentimentos, emoções, podendo lidar melhor com eles e, conseqüentemente, melhorarem suas vidas.

Atendimento Social: A atuação do Setor de Serviço Social é dirigida a grupos e indivíduos, no sentido de orientá-los quanto aos recursos oferecidos pelo C. E. A. I e aos existentes na comunidade.

Realiza entrevistas e visitas domiciliares. Atua no planejamento e desenvolvimento de atividades realizadas no C. E. A. I.

Atividade Física: O objetivo é possibilitar ao idoso a prática de exercícios físicos e proporcionar-lhe maior bem estar e melhoria nas condições de saúde. Os idosos, antes de iniciarem na atividade física, passam por avaliação médica.

Atividades Manuais: São cursos em atividades manuais visando o conhecimento , entretenimento e/ou aperfeiçoamento dos idosos acerca de trabalhos como: tricô, vagonite, pintura em tecido, bordado ponto cruz, crochê.

Campeonato de Truco: Tem como objetivo promover a integração, desenvolver o espírito de competição e aumentar a capacidade de concentração dos idosos.

Enfermagem: Atende os usuários nos seguintes casos:

- Controle de dados vitais;
- Avio de receitas ;
- Orientação quanto aos cuidados na administração de remédios;
- Pré - consulta: investigação clínica antes da consulta.

Espaço Cultural à 3ª. Idade “Cora Coralina”: É um projeto criado para dar aos idosos oportunidade de demonstrarem seus talentos e criatividade em apresentações de : música, poesia, teatro, dança, exposição de quadros e artesanatos.

Festas comemorativas: Realizadas em datas especiais como : comemorações de aniversários, Carnaval, Dias das Mães, Festa Junina, Natal entre outras.

Grupo de Portadores de Seqüelas de AVC (Acidente Vascular Cerebral): Tem como objetivos orientar, esclarecer e possibilitar às pessoas portadores de seqüelas de AVC maior esclarecimento sobre a doença,

ajudando-as a lidarem melhor com as restrições impostas pela mesma. Este projeto é desenvolvido por profissionais das áreas de Serviço Social, Psicologia e Educação Física.

Tarde Lazer: Seu objetivo é proporcionar entretenimento e descontração , através da música, dança e jogos de salão.

Teatro: Oferece ao idoso oportunidade para desenvolver sua criatividade, espontaneidade e expressão corporal. O grupo de teatro atua também como agente multiplicador das questões relativas à 3ª. Idade.

O que é o conviver e como funciona

O Conviver é um programa que trabalha com o idoso em sua própria comunidade e é desenvolvido em 15 bairros de Uberlândia.

Os grupos de idosos se reúnem uma ou duas vezes na semana, em locais da comunidade (centros comunitários, clubes de mães, paróquias) e participam das seguintes atividades:

➤ **Atividade Física:** Com o objetivo de desenvolver o bem - estar físico e oferecer possibilidade de uma vida mais saudável para o idoso.

➤ **Atividade Psicossocial :** É um espaço para reflexão de temas que dizem respeito à Terceira Idade, questões individuais e sociais.

➤ **Atividade Manual:** Oferece oportunidade aos idosos de aprender e/ou aperfeiçoar determinados trabalhos manuais (tricô, crochê, pintura em tecido, vagonite, etc.)

Os seguintes bairros são atendidos pelo Conviver: Jaraguá, Jardim Brasília, Lagoinha, Luizote de Freitas, Martins, Nossa Senhora das Graças, Pacaembu, Santo Inácio, Segismundo Pereira, São Jorge, Tibery, Tocantins e Santa Mônica.

O que é a escola aberta à 3ª Idade e como funciona?

É curso de extensão destinado a pessoas acima de 50 anos, que tem como objetivo passar informações sobre o processo de envelhecimento abordando os aspectos de : saúde, educação, cultura, direitos do idoso, filosofia. São oferecidas, ainda, oficinas nas áreas de Yoga, Dinâmica de Grupo, Relaxamento e Expressão Corporal.

As aulas são ministradas duas vezes na semana, em módulos, com durações de 4 meses. As disciplinas de cada módulo são programadas de acordo com o interesse dos alunos.

O que é o Programa de Reeducação Global com Idosos Institucionalizados e como funciona?

Visa prestar atendimento no sentido de estimular os aspectos físicos, psíquicos e sociais dos idosos residentes em instituições asilares.

A metodologia do trabalho consiste em atividades grupais, observações, relatos e avaliações. As mesmas acontecem semanalmente na sede do C. E. A . I . São atendidos cerca de 45 idosos de 5 instituições asilares.

Atendimentos emergenciais a idosos em situações de abandono e maus-tratos

Tem como objetivo possibilitar às pessoas idosas, em situação de pobreza, risco, exclusão familiar e social, formas de atender as necessidades básicas de sobrevivência, através de ações emergenciais eficazes.

Mediante denúncias e/ou notificação, são feitas visitas domiciliares para se verificar as situações emergenciais e se tomar as providências cabíveis (encaminhamento e acompanhamentos).

Encontro Regional de Idosos

São realizados anualmente, desde 1993, e tem como objetivos:

- Promover maior integração entre os idosos de Uberlândia e região;
- Obter maior conhecimento da política de atendimento ao idoso da região;
- Discutir temas relativos à questão do idoso, bem como outros assuntos de interesse dos mesmos.

Os encontros contam com a participação de, aproximadamente, 1.400 idosos.

2 - SESC

O SESC - Serviço Social do Comércio, criado e administrado pelo empresariado do comércio e serviços, completou, no ano de 1996, meio século de existência e tem como Presidente da Federação do Comércio (a nível nacional) o Sr. Renato Rossi. Diretor Regional (Minas Gerais) Sr. Robinson Corrêa Gontijo. A criação do SESC foi consequência da Conferência

Econômica de Teresópolis, cuja preocupação maior era a de garantir a paz social.

Este centro de atividades teve sua fundação em Uberlândia em 24 de outubro de 1960; portanto a 38 anos, em uma pequena casa à rua Cel. Manoel Alves, esquina com a rua Bernardo Guimarães. Neste local, o SESC funcionou durante oito anos, passando em seguida para a Av. João Pinheiro, cujas adaptações ofereciam melhores condições de atendimento, embora não satisfizesse plenamente às necessidades da entidade.

Começa então a luta pela construção da sede própria que só veio se concretizar muitos anos depois, quando a Prefeitura de Uberlândia doou o terreno ao SESC.

Grandes figuras, comerciários como o Sr. Oswaldo de Oliveira (patrono do centro), o Sr. Neyton Velosso (que inaugurou o SESC de Uberlândia) colaboraram e encorajaram o trabalho em prol do comércio em Uberlândia, lutando pela construção da sede própria do SESC.

Atualmente, a sede do SESC de Uberlândia funciona na rua Benjamim Constant número 844. Os objetivos do SESC, em relação aos comerciários e seus dependentes, estão sintetizados nos seguintes propósitos gerais:

1. A valorização da classe comerciária através de sua capacitação por uma melhor ação produtiva e participativa no desenvolvimento.
2. favorecimento de oportunidades de valorização e capacitação da família, para o desempenho ativo e útil de sua função na sociedade.

3. A defesa do salário real, tendo em vista as possibilidades de poupança da renda salarial dos comerciários através da oferta de facilidades na obtenção de bens, comodidades e serviços.

O incentivo à atividade produtiva, entendendo-se que, na medida em que aumentam a produtividade e o bem estar, cresce o espírito de maior solidariedade social e fortalece a confiança nos destinos da nacionalidade.

Para a consecução de seus objetivos , o SESC deve contribuir para a solução dos problemas dos comerciários e suas famílias nos seguintes campos:

- a} Educação
- b} Saúde
- c} Alimentação
- d} Lazer
- e} Habitação
- f} Vestuário
- g} Transporte
- h} Orientação Profissional e Social

O SESC tem clientela própria : o comerciário e seus dependentes. Compreende-se como comerciário, o empregado de empresas contribuintes do SESC, salvo as isenções legalmente determinadas; e, como dependentes,

os membros de sua família e os que, com qualquer vínculo de vida familiar, dele dependam economicamente de forma substancial.

Hoje, todo comerciário uberlandense pode contar com um centro de atividades que está aparelhado para oferecer à clientela comerciária esporte, lazer, cursos de formação, saúde e aprimoramento cultural através de cursos de línguas estrangeiras, supletivos, recreação infantil com crianças de 4 a 6 anos e uma biblioteca cujo acervo ultrapassa a 7.000 volumes, entre eles várias doações da comunidade.

O SESC desenvolve várias atividades, entre elas: natação, culinárias, basquetebol, voleibol, ginástica, hidroginástica, recreação infantil, corte e costura, trabalhos manuais, futebol de salão, Karatê; na área profissionalizante, cursos de datilografia e atualmente informática ; na área de atualização de conhecimento, os cursos de Inglês e Espanhol; na área de educação, os cursos de supletivo de primeiro e segundo graus e recreação infantil.

Existe também um grande trabalho com idosos. O pessoal da terceira idade encontra no SESC um espaço totalmente dedicado a ele, onde várias atividades o aguardam. Sob a coordenação de DARCI S. GOMES DA SILVA, que trabalha no SESC a 14 anos, são mais ou menos 500 idosos. As atividades são inúmeras e dignificam a velhice de quem muito já deu de si, do seu trabalho e da sua vida à comunidade.

O SESC oferece ao idoso todas as atividades acima citadas. Em todas essas atividades e, principalmente nas da área esportiva, os idosos são acompanhados por profissionais competentes da área, visando garantir toda segurança e bem estar ao pessoal da terceira idade.

Freqüentemente, são realizadas excursões onde eles participam com animação e alegria. Os idosos do SESC viajam muito, integrando-se com grupos da terceira idade de outras cidades e estados.

É um grupo sempre disposto a trabalhar por sua alegria; participam todos os anos do carnaval de rua de Uberlândia com o animado bloco chamado "Os mais vividos do SESC". Todos os anos recebem prêmios de destaques pela animação.

Realizam festas e comemoram várias datas festivas de nosso calendário. Duas vezes por semana, às quartas-feiras e aos sábados é fácil encontrá-los dançando no "Forró do SESC". Um momento lindo que vale a pena assistir.

Ali não tem idade, não tem tristezas nem amarguras, pelo contrário, sobram disposição e animação para arrastarem o pé.

Aos idosos também são oferecidos programas de conhecimento onde as palestras usam de vocabulários claros e precisos, de forma simples e aberta, para esclarecer as dúvidas em várias áreas e assuntos, sejam eles políticos, sociais, financeiros, médicos, temas, enfim, que lhes interessam direta ou indiretamente e que às vezes são solicitados por eles mesmos.

Todos os idosos possuem uma ficha onde é anotado tudo o que diz respeito à sua pessoa, o que ele fez, como está sua saúde etc...

Estes trabalhos também são documentados em relatórios mensais ou por atividades quando se tratar de um projeto especial, fora da programação anteriormente planejada.

São tiradas fotos, elaborados e distribuídos convites para que as pessoas da comunidade compareçam às festas , palestras etc. São feitas filmagens, publicados todos os acontecimentos que mereçam destaque e todo esse material é posteriormente catalogado e arquivado. Este acervo é aberto para conhecimento e pesquisa, sendo de fácil manuseio e acesso.

A documentação do SESC está em fase final de implantação um sistema informatizado de arquivo.

3 - Considerações

Nos grupos de Terceira Idade

Andando pelos corredores e jardins do SESC, Da. Terezinha, pouco antes de sua entrevista, me dizia "...isso aqui é muito bom, esses encontros me deixam animada; antes, a única coisa que fizeram para os idosos foi a

carteirinha pra andar de ônibus sem ter que pagar, agora não; me divirto muito nos grupos de apoio à terceira idade. Mal espero a hora de vir pra cá ...”.

Fica claro que o apoio aos idosos está no caminho certo. São tantas e diversificadas atividades oferecidas que os idosos se sentem integrantes vivos na sociedade e não excluídos dela.

Embora sejam já senhoras-“idosas”, às vezes elas trazem em seus rostos e gestos, expectativas de adolescentes quando estão se preparando para as excursões, pois adoram viajar. Quando se arrumam para os bailes, são notáveis suas preocupações com a aparência, os cuidados com as roupas, maquiagens. Elas são vaidosas e se sentem muito bem cuidando de sua pele, unhas, cabelos, etc.

Nos encontros realizados, é comum encontrá-las comentando sobre o nome de algum remédio, falando dos filhos e netos, mas é corriqueiro mesmo vê-las trocando nomes e informações sobre novos cremes de beleza, novas tinturas para os cabelos e onde se comprou esse ou aquele maiô de banho. A vaidade vai desde os sapatos, bolsas, bijuterias , até a sacola de viagem. E elas se sentem contentes assim.

Mas os flertes, os namoricos, são, na verdade, os grandes momentos dos bailes. Se prestarmos atenção, podemos notar até mesmo cenas de ciúmes e, às vezes, sem discrição. E elas se divertem muito com isso tudo.

É a alma apaixonada da mulher que permanece imune ao tempo e à idade. É a beleza do amor trazendo, a cada momento, a certeza de que através do sentimento se encontra a eternidade.

O grande amor dessas senhoras-pela vida, por sua auto-estima, consegue fazê-las encontrar a famosa fonte da juventude que, nesses encontros, se manifesta na alegria-de-viver.

O que são e o que representam 50, 60, 70, 80 anos ou mais de vida, se temos toda eternidade? Se temos tanto tempo, todo o tempo do mundo, é necessário termos mais, **MUITO MAIS VIDA!**

3

Depoimentos

"Os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, do seu lugar na família e na sociedade. O mesmo ocorre com seu modo de rememoração, da montagem propriamente dita do teatro da memória".

Michelle Perrot

1 – Relembrando: Fragmentos da memória

Poderia ter este trabalho uma amplitude mais vasta, páginas em que aflorassem recordações de mulheres, indiscriminadamente nas mais diversas situações financeiras, políticas, econômicas, mulheres empresárias, mulheres profissionais, médicas, dentistas, vereadoras, advogadas, professoras, artistas, secretárias, altas executivas, ministras, deputadas, aposentadas sem problemas financeiros enfim; hoje, isso é possível, pois a mulher ocupa campos e áreas cada vez mais diversas.

Mas não é essa a intenção deste trabalho. Ele busca, na verdade, descrever um pouco a qualidade de vida da mulher idosa mas a mulher simples, sem qualificação profissional. A DONA DE CASA.

Ser idosa já é um fator de preconceitos, mas ser idosa e pobre, torna-se um objeto de dupla discriminação. Essa idosa, simples dona-de-casa, mãe, avó, sem profissão definida, mão-de-obra barata e que muitas vezes executa “bicos” para sobreviver, chama e merece atenção, pois muito pouco ou quase nada se tem falado sobre ela.

Quem é ? Como vive? O que faz? O que já viveu? Qual o seu destino? Quais são seus sonhos e o que ela pensa?

A reconstrução do passado feita com base em lembranças das pessoas simples, é tão ou mais importante que as memórias dos grandes de nossa sociedade, pois é a história do povo, gente simples que trabalha e que,

na verdade, é o grande construtor da história de nossa sociedade, da história do nosso povo.

Recuperar as lembranças dessas mulheres é buscar um pedaço de uma história da qual muito pouco ou quase nada se sabe.

São histórias ora alegres, ora sofridas, mas são simples. Fragmentos de passados sem muitos planos e poucas aspirações, pois são sonhos humildes que se realizam com muito pouco se forem observados sobre o prisma de quem pouco conhece sobre a capacidade humana e a cobiça dos grandes e se comparados às normas de consumo do capitalismo selvagem contemporâneo. A noção de valores, nessas pessoas, é algo, de certo modo, inocente e elas vivem sua vida e sua história acreditando serem comuns e estarem vivendo com a sociedade uma só história.

A seguir, o trabalho transcreve entrevistas das idosas simples. Suas lembranças trazem um eco de saudade, evocando épocas de doces sonhos e ilusões de um passado que jamais voltará.

O saudosismo destas pessoas de vidas simples abre uma desleal comparação entre o antigo belo e o presente-cinza, desgastado pelo tempo que insiste em passar, levando tanta coisa boa que passou, deixando a sensação de que viver é simples demais, mas que, infelizmente, as pessoas só compreendem a simplicidade da vida quando não resta mais nada a fazer, a não ser “lembrar”.

Lembrar. Será que é só lembranças o que resta à mulher idosa?

As pessoas sempre buscaram a condução de seus próprios passos, tentando, dessa, forma manter o controle de suas vidas. Mas desde que nascemos, estamos sempre dependendo de outras pessoas para vivermos. É natural , vivemos em sociedade, em grupos, e viver não significa apenas existir. Temos que conseguir encontrar em nossas vidas algo mais que nos impulse; ou seja, motivação. É a motivação que certamente nos mantém na busca da qualidade de vida.

Queremos sempre o melhor e o melhor é a nossa felicidade.

Mas nem sempre o melhor é o que está por vir. Às vezes, o melhor, ou seja, a felicidade, está lá atrás, num pequeno pedaço de nossa história, desafiando o tempo e suas marcas.

Outras vezes, nosso passado pode valorizar nosso presente, pois inevitavelmente, ao compará-los, optamos pelo hoje onde as experiências nos auxiliam na busca pelo melhor e, quanto mais idoso, mais vivido, mais temos a convicção de que estamos cada vez mais próximos do melhor de nossas vidas.

Diz um dito popular que "RECORDAR É VIVER". Então, vamos viver um pouquinho da recordação de mulheres idosas que em sua maioria colocam que, apesar de serem "velhas", hoje, suas vidas estão de certa forma melhores.

Uma pequena reflexão: São apenas lembranças porque, para as idosas que freqüentam os grupos da terceira idade, não se pode parar o

tempo, pois isso sim seria “andar para trás”, e essa mulher ainda tem muito o que viver.

Depoimentos:

A. D. Nilza

“Me chamo Maria Nilza Xavier e tenho 58 anos.

Nasci em Dolores do Indaiá, ali perto de Belo Horizonte em 26 de novembro de 1938. Faço 60 anos no mês que vem. Vai ter festa viu? Vou te dar o endereço e você vai lá pra minha casa, é minha convidada .

Minha família não deixa passar em branco não. Todo mundo lá em casa adora uma festa, qualquer ocasião a gente aproveita e cai na farra.

Mas continuando minha história, olha, eu não tenho nada muito especial pra contar não. Mas eu tenho mais 11 irmãos vivos, nós éramos 13, mas a Lúcia Helena, minha irmã, morreu ainda menina, antes da morte da minha mãe.

Minha infância foi lá nesse lugar. Não tenho nada pra falar da minha infância, eu não tive infância, ou seja, nada de bom pra contar sobre ela.

Minha infância, na verdade, foi horrível. Entrei numa casa pra trabalhar com 06 anos de idade. É, com 06 anos, eu já era uma doméstica, já trabalhava demais, igual gente grande.

Sabe, eu fui criada por padrasto , eu não tive meu pai, ele deixou a gente, foi embora, abandonou a família eu ainda era muito pequenina.

Então não tive tempo pra brincar; mal a gente crescia um pouquinho, já tinha que ir trabalhar para ajudar em casa. A coisa era feia! Eu trabalhei demais nessa minha vida, tinha que ajudar lá em casa e não sobrava tempo nem mesmo pra sonhar em brincar. Eu chegava em casa cansada demais, eu trabalhava pros outros o dia todo.

Quando eu era moça, foi do mesmo jeito. Minha mocidade também foi só trabalho, apesar da minha rebeldia. Sabe, eu sempre fui muito rebelde. A noite eu fugia, ia pros bailes, ninguém dava conta de me segurar não. Eu ia pros programas de rádios e cantava, eu adoro cantar e ia naqueles shows de calouros que as rádios promoviam e “soltava a franga” como se diz.

Uma vez eu ganhei uma bicicleta de prêmio nesses concursos. Mas era tudo escondido.

Eu apanhava muito por ser muito levada, muito bravo, meu padrasto me batia, mas eu continuava a fugir e a sair . (risos ...).

Ninguém me mandava não. Me casei com 16 anos, porque meu padrasto falava que só me deixaria casar com esta idade, do contrário teria me casado bem mais nova pra me livrar dele.

Lá onde eu morava , me casei e tive meus filhos. Trouxe todos eles pra cá. Antes do casamento, eu tomava conta da igreja, organizava as missas,

cantava e tocava órgão; eu fui filha de Maria sabe? Pra você ver e eu era muito rebelde.

Mesmo escondido, eu namorava muito. Não tinha assim muita firmeza com namorados não, eu trocava sempre que me cansava desse ou daquele (risos...). É, eu fui terrível com os meus namorados, aprontava muito com eles e ainda achava pouco.

Eu não era assim muito bonita, mas arrumava muito namorado; as vezes eram até rapazes importantes, filhos de gente rica e eu, apesar de negra, queria e tinha que me casar com homens brancos. Meus namorados eram quase sempre louros e até de olhos azuis... (gargalhadas...). Pareciam príncipes, daqueles de historinhas de fadas e vou te dizer, eu me casei com um branco do jeito que eu queria.

Me casei no dia 26 de dezembro, tinha completado 16 anos um mês antes. Mas por mim teria me casado com 15 anos. Meu padrasto era um saco menina. Meu marido tinha 22 anos quando nos casamos.

Tivemos três filhos, três criaturas lindas e maravilhosas. Meus filhos são demais!

Depois viemos pra cá, fiquei viúva aqui em Uberlândia. Quando meu marido morreu eu estava com 29 anos.

Fiquei só, com 03 crianças pequenas, o dia e a noite. Nossa, foi uma época difícil demais. Mas eu consegui criar e formar esses três filhos.

Trabalhei muito, passei dificuldades que você nem imagina. Até fome eu passei com esses meninos!

Eu não tenho vergonha de falar não, porque pra mim é uma honra olhar pra traz e ver que venci. As crianças foram crescendo, graças a Deus, e apesar da pobreza eram sadios e assim que puderam, começaram a trabalhar. Nós começamos a crescer e a nos controlar financeiramente. Não ficamos ricos, mas vivemos com conforto e dignidade. Meus filhos freqüentaram boas escolas e hoje graças a Deus, estão todos formados.

Prá mim foi uma benção, um presente de Deus esses filhos maravilhosos que ele me deu.

Meus filhos se casaram, todos com gente muito boa. Eu tenho uma nora que você precisa conhecer. Ela é boa demais pra mim e para meu filho, eu gosto muito dela. Tenho cinco netos maravilhosos, mas eu perdi um neto que acabou com um pouco de minha vida. (Pausa... longa).

Por isso é que eu te falei antes, tem umas coisas que não vale a pena lembrar. Meu neto morreu queimado com álcool, coisa horrível (pausa...). Eu sofri tanto que achei que não agüentaria. Minha família se desesperou . Ele era um menino bom, muito querido por todos, cheio de vida... há eu não gosto de lembrar , pula isso...

Depois destes acontecimentos, muita coisa mudou dentro de mim. A vida é muito importante e tem que ser vivida apesar de tudo.

Depois que fiz 50 anos é que comecei a viver a vida como deve se viver. Sabe, eu saio muito, passeio, vivo minha vida, me cuido material e espiritualmente, sou muito católica, eu acho que Jesus é aquela coisa muito especial, Deus é muito bom pai, é aquele que não te deixa na mão, não te deixa órfão nem confundido.

Hoje, uma mulher daqui do CEAI, me fez uma pergunta, um comentário "Nilza, engraçado, quanto tempo eu não te vejo com problemas, só te vejo feliz!", e é mesmo menina, graças a Deus, eu já-passei por poucas e boas. Eu gosto de estar bem, me sentir alegre, estar com vocês jovens, receber energia, isso é que é importante.

Pra mim é muito importante amizade, fazer amigos com sinceridade; eu sou muito positiva, busco sempre o melhor de cada momento. Eu tenho um namorado, uma pessoa que conheci aqui no baile e nesse exato momento ele está ali me esperando mas eu não posso te falar o nome dele. Sabe, ele é casado (risos...) e a mulher dele também está aqui.

Minha Nossa Senhora, tem dias que eu penso "Nilza, como é que você entrou nessa enrascada? O que você está fazendo mulher? Vê se toma juízo! Mas que Deus me perdoe, esse negócio tá é bom demais! Deus é que colocou esse homem no meu caminho e isso é maravilhoso não é? Você amar e ser amada, em qualquer tempo, em qualquer idade né? Isso é maravilhoso. Deus já me deu meus filhos, aquelas jóias de minha vida, as razões de minha vida!

Ao invés de te dizer que sou uma mulher feliz, eu acho que fica melhor eu te dizer que sou uma mãe feliz, destaque essa frase “EU SOU UMA MÃE FELIZ, MUITO FELIZ “.

Eu acho que, sei-lá, nem penso em velhice, mas eu acho assim, só é velho quem tem a cabeça velha, parada no tempo, não vive, pensa que já morreu, que não pode fazer mais isso e aquilo sabe como é? Quem não tem a cabeça velha, jamais fica velho! Tem que procurar viver o presente, entrar na “onda” sabe como é? Vestir-se bem, comer bem, freqüentar lugares onde se sinta bem e entender que tudo isso faz parte da vida, das coisas e que apesar de ter uns aninhos a mais, você é parte disso tudo. Tem mais é que aproveitar e viver não é?

Você acha que eu estou velha? Tá vendo minhas roupas, meus brincos, eu estou na moda não estou? Eu não me sinto velha de jeito nenhum. Ainda vou demorar muito pra chegar a me achar velha, se é que um dia eu vou achar isso de mim.

Eu estou amando e nessa idade é melhor ainda porque a gente sabe onde está pisando. Depois que eu terminar essa entrevista, vou tentar te apresentar a ele, isso é, quando a mulher dele não estiver por perto.

Eu queria estar falando pra televisão . Isso aqui não vai pra televisão não? Que pena! Eu queria mostrar pra todo mundo como estou bem, na companhia de jovens bonitas e que se preocupam com as pessoas como nós

que já vivemos um pouquinho mais. Mas estou contente com isso tudo. Sou muito faladeira , pra frente, você já notou né?

Há, sabe como eu conheci meu namorado? Foi um dia aqui no baile, tava quente, calor demais e eu comecei a me sentir mal e fui desmaiando. Ele me acudiu, caí nos braços dele e quando percebi, pensei assim “isso tá é bom demais”, há males que vem para bem menina (risadas...).

Sou custosa mesmo, busco me divertir em qualquer situação, estou sempre tentando tirar proveito das coisas que acontecem. Mesmo nos momentos difíceis, se a gente souber, acaba tirando alguma vantagem.

Quanto ao futuro desse namoro, a Deus pertence, sei lá no que vai dar e isso me interessa muito pouco. O importante é viver o agora que tá bom demais, né? (risadas...).

Mas meu futuro mesmo são os meus filhos, acompanhar bem de pertinho suas vidas. Eles são tudo pra mim e eu oro a Deus todos os dias por meus filhos, pedindo proteção e felicidades pra eles e minha família. Sou muito agradecida a Deus pelos meus filhos e nunca vou cansar de agradecer. Agradeço também a oportunidade que cada dia me traz de conhecer gente nova como você, fazer novos amigos, me divertir, estar bem e com saúde.

Aqui eu faço ginástica, pintura, danço e frequento também a casa de cultura, minha nora trabalha lá; ganhei um concurso de dança lá, tenho diploma de cursos que fiz, aliás eu adoro fazer coisas novas, aprender coisas diferentes, né? Estar por dentro das coisas.

Eu danço muito bem qualquer tipo de ritmo . Ensinei meus netos a dançarem samba, todos eles. Tenho uma neta que já está mocinha, tenho um neto que joga vôlei, basquete, é o esportista da família; tenho outros que mexem com música, sabe, sou parente do pessoal do conjunto de pagode Só Pra Contrariar; minha família adora cantar e já tem outros grupos se formando, tentando o mercado da música, o pagode, né?

Eu vivo num mundo muito alegre. Faço festinhas a qualquer motivo, faço desfiles, visto roupas longas, a vida é uma farra! O dia que passei mal, me internaram no hospital Santa Terezinha e lá eu falava “o que é isso gente? Não é agora que vou embora não! Ainda vou aprontar e fazer raiva em muita gente”. (risos...)

Mas eu me cuido mesmo. Tá vendo minhas unhas? Longas e bem cuidadas; olhando para elas, ninguém acredita que eu ainda lavo roupas. Não me lembro se te falei, mas eu criei meus filhos lavando e passando roupas dos outros, nem tenho idéia de quantas malas de roupas já enfrentei nessa minha vida.

A felicidade pra mim é tudo, é viver bem, estar bem, comer bem, como já te disse, e a cada novo dia agradecer a Deus por estar viva, por cada nova chance de viver, de ter oportunidade de sorrir, fazer amigos, né? A amizade é importante demais! A pior coisa do mundo é a doença e a falsidade, então a felicidade é que é o contrário de tudo isso, é tudo o que faz bem.

Meu passado não, eu não gosto de falar nele, acho melhor mesmo a gente pular essa parte porque minha vida de menina, moça, foi uma droga, meu passado não tá com nada, tirando meu marido que foi muito bom para mim.

Nunca tive nenhum problema com meu marido enquanto era vivo, a gente foi feliz e pra completar essa felicidade ele me deixou os filhos maravilhosos que já te falei.

Do meu passado recente, tem as manchas muito tristes da morte do meu neto, né? E tem a morte do meu marido nos meus braços, de repente. Ele era uma pessoa cheia de vida e fiquei viúva com 37 anos. Meu marido era assim como eu, a gente estava sempre curtindo a vida, viajávamos, fazíamos piqueniques animados, uma vez nós organizamos um piquenique com 35 moças e rapazes, foi uma farra. Lá em casa era só chegar um grupo de pessoas que virava baile, festas animadas. Nunca fomos de dar mole pra tristezas; pra divertir, amar e ser feliz não tem idade, grave bem isso, não importa nada na vida se a meta da gente não for a felicidade. O que importa é ser feliz.

B. D. Inácia

Dona INÁCIA CLAUDINA CHAGAS, 78 anos (quando me concedeu a entrevista), nasceu em Guardinha, uma cidadezinha do Sul de Minas Gerais, próximo a São Sebastião do Paraíso.

Viveu lá até próximo ao dia de seu casamento que foi realizado em Itamugi, também no Estado de Minas próximo à Guardinha.

Nesta cidade, D. Inácia se casou e teve 07 filhos: Dirce, Djalma, Dirceu, Adilsom, Wanderley, Veni e Nilce.

Três destes filhos morreram.

Depois, devido à transferência do local de trabalho do marido (que era funcionário da Mogiana), a família se mudou para Orlândia-S.P, depois para Monte Alegre e finalmente para Uberlândia.

Da. Inácia se considera uma andante ou seja, uma pessoa que já viajou bastante. De Uberlândia foi para Passos, São Paulo, Belo Horizonte e, que freqüentemente, fazia viagens próximas.

Da. Inácia se considerava uma trabalhadora incansável. Em sua entrevista ela diz:

“Sou uma pessoa que nasceu em berço de ouro como diz os ricos. Meu pai era fazendeiro , tinha inúmeros bens, era muito controlado, a gente tinha 03 fazendas, ele tirava assim, vamos supor 5 a 6.000 mil cabeças de gado de uma fazenda para outra , vendia trocava e não fazia falta. Mas depois não soube administrar, sei lá o que ele fez, só sei que acabou com tudo de uma hora para outra. Me lembro que pra fazer a festa de meu casamento, tive que vender um cavalo que ganhei como herança .

Eu gostava muito de vestir roupa nova todo sábado. Ah! Como eu adorava um vestido novo. Nessa época, meu pai tinha um açougue e quando

eu tinha que ficar tomando conta , tirava sempre um dinheirinho pra comprar tecidos. Além de fazer minhas próprias roupas, eu sempre fazia uns vestidos a mais pra vender e assim fui fazendo meu enxoval. Com o dinheiro das vendas dos vestidos, eu comprava mais tecidos e fazia colchas de camas bordadas, lençóis, fronhas, jogos de mesa, e era tudo muito bonito, bordados, caprichados, sabe, naquela época as peças íntimas como calcinhas e soutiens eram feitos em casa mesmo, ninguém comprava nada fora, não.

Comecei meu enxoval ainda menina, muito antes de namorar. Naquela época a gente ia fazendo as coisas e guardando nas "malas"; eram camisolas, combinações, tudo completo, tudo bordadinho, com rendinhas, bainhas etc.

Me casei com 20 anos. Meu pai era severo demais e naquela época eu não podia namorar nem de mãos dadas; ficava assim: um num canto e o outro em outro canto .Sabe, eu perdi minha mãe nova demais, com quatro pra cinco anos. Na época, meus irmãos mais velhos eram dois homens, Antônio e João, e eu como era a única filha mulher (abaixo de mim, tinha o caçula Pedro), tive que tomar conta dos meus irmãos e meu pai. Nossa, nessa época eu trabalhei demais, lutei demais pra dar conta das coisas.

Fazia comida pros peões, dava conta de toda a tarefa doméstica da fazenda.

Me casei aos vinte anos e continuei a ajudar minha família. Com 19 anos de casada, fiquei viúva. Meu marido morreu de chagas. Naquela época havia muito barbeiro, percevejos, etc.

Aqui em Uberlândia perdi meu marido, logo depois meu filho mais velho.

Desde aí venho lutando , costurando pra fora.

Também tive pensão aqui, depois tive pensão em Goiás, viajei pra Bahia, pró norte, viajei muito mesmo , conheço muito lugares e nesse tempo meus filhos que ainda eram solteiros, ficavam tomando conta da casa. Fui no Paraguai, Uruguai, andei enquanto eu pude.

Depois, perdi meu marido e desde então eu nunca mais quis saber de homem nenhum em minha vida. Nunca mais tive namorado, nunca mais tive ninguém.

Eu não quis e, também vou te dizer, não me fez falta nenhuma. O tal de homem as vezes é bom, mas dá muito trabalho e o mais importante : **HOMEM NÃO MATA SOLIDÃO!** Há mais ou menos 40 anos que eu estou sozinha.

Depois também começou esses problemas em minha perna; já fazem cinco anos que não ando mais. Começou perdendo a firmeza , sabe, eu caía demais, e era na rua, em cima das coisas, das pessoas, plantas, minhas pernas não me obedeciam até que não deu mais pra andar.

Pra complicar a situação, a um ano atrás, eu fraturei a perna num tombo lá no banheiro.

Aí ficou pior ainda, machuquei muito, cortei feio a cabeça, fraturei algumas costelas, nossa como sofri! E sofro porque não é fácil ficar o tempo

todo presa numa cama... Vamos tomar café? Tome pelo menos um copo de leite menina, ah, eu vou comer. Pausa...

Eu tive um pensionato uma vez ,já te falei. Pois é, acabei com tudo, vendi o pensionato e fui embora para Brasília.

Fiquei lá cerca de um mês, não gostei, fui pra Belo Horizonte. Morei lá três anos.

Depois voltei pra Uberlândia e montei pensionato de novo.

Era pensionato só de homem, no início: depois, foi tudo junto, homens e mulheres se hospedavam ali.

Depois, foi ficando difícil, tive que largar de novo, mas daquela época eu me lembro de muita festa, muita alegria.

Depois, fui ficando doente e precisei ficar morando na casa dos outros, na casa dos meus filhos... ah, minha vida não tem nada de muito especial não. Não diverti muito não, quase não fui a festas, cinemas, embora tenha viajado muito.

Uma coisa me alegra lembrar é dos bondinhos velhos que conheci no Paraguai, lá em Assunção, sabe? Aqueles bondinhos antigos parecidos com os que conheci em São Paulo, só que muito melhor.

Sabe, eu sou uma pessoa que nunca fumei, nunca bebi. No tempo de meu pai, ele era muito bravo .Depois que me casei, eu e meu marido

deixávamos os dois filhos que já tínhamos, na época do carnaval, dormindo e dávamos uma fugidinha na farra.

A gente tinha aquelas ximbiquinha, aqueles Ford velhos, sabe? Esse foi uns daqueles poucos momentos felizes que passamos.

Hí, tem muitos anos que deixei minha terra. Não , não tenho vontade de voltar lá, não; não é que lá seja ruim, aliás nem mesmo sei como aquilo lá deve estar.

Na verdade, eu sou assim menina, o passado pra mim passou, não volta mais, porque eu vou voltar, né?

Falar do passado é muito bom, mas não trás ele de volta. Eu não sou de sentir muitas saudades, não. Olha, pra te falar a verdade, eu tenho saudades é do tempo em que eu tinha um tio chamado Ambrósio; ele tinha 15 filhos, eu tenho saudades dessa época porque nós éramos assim, eu tinha 03 irmãos e eles lá 15 e eu era a única mulher dos meus pais. Então juntávamos com esses primos e primas e, essa turma toda, gostávamos de ir a casamentos, a cavalo, montávamos aquele “bando” de gente e saíamos nos divertindo.

São essas coisas assim que me dão saudades; o tempo em que estudei em colégio de freiras, tinha um motorista que levava na segunda-feira e trazia depois. Essa escola era muito rígida , rigorosa mesmo, e lá só estudavam mulheres.

Eu não fui muito levada não; outro dia, pensando aqui no meu passado e em minhas saudades, você já tinha falado comigo sobre essa entrevista, eu me lembrei... uma das peraltices que fiz foi quando tentei andar num arame e caí de uma laranjeira e quebrei o braço, mas eu não fui muito molecona não, não aprontei quase nada.

Na escola fui boa aluna. Eu tinha um professor muito bravo, muito enérgico, sabe?

Eu tinha muito medo dele. Não fazia nada de errado e fui considerada até uma aluna muito inteligente.

Mas saudades, grandes saudades mesmo, eu já te falei, não tenho muita não. Me lembro direitinho de tudo que aconteceu comigo. Por exemplo, no dia de meu casamento, sem minha mãe, as tias fazendo latas e latas de doces. Era um farturão que só vendo!

A herança da fazenda, o pai deixou na forma de animais, cavalo, vaca, essas coisa, e quando ia precisando a gente ia vendendo. Eu tinha um irmão chamado Antônio, ele já morreu, mas me lembro que embora ele não queria, eu vendi meu melhor cavalo por 400 réis... (Pausa).

Esse negócio de família é muito complicado. Esse meu irmão Antônio se casou com uma mulher muito brava, lá em Três Corações onde ele foi fazer tiro de guerra. Depois do casamento, ele foi se afastando de nós, a mulher não gostava muito de estar reunida e assim a gente foi se perdendo cada um pro

seu canto. Meu irmão era sempre muito calmo e sereno e a mulher mandava, dominava, ele.

Sabe, eu sempre gostei de andar bem arrumada. Não chique, mas muito bem vestida. Eu, enquanto podia, me cuidava bem. Arrumava meus cabelos, fazia as unhas e etc.

Mas enquanto estávamos juntos, nós fomos uma família muito carinhosa. Minha mãe era dedicada e amorosa, boa demais para nós.

Eu me lembro muito pouco de minha mãe, uma lembrança muito longe e, infelizmente, eu não tenho nenhum retrato dela.

Meu irmão Pedro, logo que se casou, ficou muito rico. É a família Dutra em São Sebastião, é rica.

Tenho sobrinhos, primos lá, todo mundo muito bem de vida. Mas cada um pro seu lado, ninguém tem contato com ninguém.

Minha mãe morreu do coração. Nossa família toda morre com problemas no coração, todo mundo.

Eu sou pensionista de meu marido; quando ele morreu, trabalhava na fábrica de balas Erlam aqui em Uberlândia. Antes trabalhou 08 anos na Mogiana, depois saiu e foi pra Erlam, ele era motorista. Eu vivo com essa aposentadoria.

Hoje, atualmente, eu acho a vida ótima, maravilhosa para as mulheres. Nós mulheres, nunca tivemos nada fácil. Eu limpei arroz com minhas mãos

durante muito tempo; socava café, farinha. Eu vivi minha juventude numa época de muito preconceito contra mulher. Mulher era “escrava branca” mesmo.

Não podia fazer nada, tinha um esquema rígido demais pra mulher viver. Hoje em dia, em todos os aspectos que você pensar, pra mulher tudo está mais fácil.

Prá começar, na comida, na cozinha, nos serviços domésticos tudo está mais prático e mais fácil pra mulher, graças a Deus , e por isso ainda se pode dizer que ainda vale apenas ser mulher. Se eu pudesse escolher entre ser homem e mulher, eu seria mesmo mulher.

Eu fui uma mulher que viveu, apesar de tudo. Me casei com um homem pobre e você só percebe o que é bom quando tem e deixa de ter alguma coisa. É, a gente só valoriza o que um dia já teve e que de repente não tem mais. Você pode ter certeza que isso é a mais pura verdade.

Sabe, outro dia, sentada ali na rua, vi uma mulher catando papel. Sujinha, um gorrinho na cabeça muito sujo, até falei pra Dirce comprar um leite e levar lá pra ela. Uma pessoa dessas não sabe o que é a vida e não sofre. Sofre não, sabe por que? Ela bebe ,anda, vai pra qualquer lugar, aí Deus olha, ela sara dos seus males com a ajuda de Deus, já nós não .Nós nunca estamos satisfeitos. Eu acho que as pessoas mais humildes vivem melhor. As pessoas reparam menos nelas, cobram e esperam menos delas; já nós, se chegarmos numa festinha mal vestidas, por exemplo, todos reparam.

Acho que quanto mais humilde, menos sofre, pelo menos a língua e a soberba do povo não os atinge.

Veja se você está mal vestida, as pessoas falam, mas se está bem vestida demais, falam também que você é metida demais, quer aparecer. Esse negócio de roupa é engraçado. Às vezes o tecido pode não ser grande coisa, mas se foi muito bem feito, fica assentadinho no corpo, pronto! Você está bem vestida.

Na vida atual, as mulheres de hoje precisam dar muito valor. Antigamente, nas festas, a gente só dançava com o marido, quando dançava né? Se, as vezes, um parente, um amigo, pedia a gente pra dançar, ai, ai, ai.

Hoje, as mulheres até chamam os homens pra dançar sem problema nenhum.

Hoje, as mulheres trabalham fora, ganham seu próprio dinheiro, as vezes até mais dos que os homens e eu acho até que as mulheres devem tomar é cuidados para que os homens não se tornem cada vez mais dependentes delas.

Agora eu queria te falar sobre felicidade. Felicidade é um momento, sabe como é? É aquilo que te faz bem, qualquer coisa, quando por exemplo, você gosta muito de uma determinada pessoa. Só ela chegar por perto de você, já te faz bem, então você fica feliz entende?

Eu aqui nesta cama há cinco anos, qual é a minha alegria? Meu prazer é quando alguém vem aqui me visitar, meus parentes, netos, minhas noras, eu

sempre fui muito apegada às noras, todas elas; então quando eles vêem eu até choro de alegria. Eu não vou em lugar nenhum. Não tem jeito de sair daqui, então cadê minha felicidade? Como é que eu posso fazer? Não tenho momentos de prazer e felicidade é o momento, e, se não tem esse momento, acabou! Se você gostou das coisas no momento, você está feliz. Depois... acabou!"

C. D. Terezinha

Entrevista realizada durante o baile do SESC.

"Boa tarde, meu nome é Terezinha Vieira Guimarães, tenho 62 anos; nasci em Monte Carmelo, Minas Gerais, em 05/01/1.935, sou de capricórnio.

Nós éramos 10 irmãos. Meu pai e os irmãos mais velhos moravam numa roça, ali por perto, e o resto dos filhos ficavam na cidade com minha mãe.

Nos finais de semana, eles vinham todos. Eu sempre morei na cidade; mamãe ficava com os filhos que estudavam e os que já trabalhavam iam com papai pra roça.

Meus pais eram muito pobres, a gente não tinha quase nada, mas graças a Deus, eles nos davam educação, respeito, minha infância foi toda em Monte Carmelo.

Ali eu brincava, trabalhava, eu fazia boneca de qualquer coisa, pano, garrafas, até de um pedaço de pau, já que a gente não podia nem sonhar em comprar brinquedos, tamanha era a dificuldades em que vivíamos.

Com 08 anos, eu vim para Uberlândia, continuei a estudar aqui e nunca mais saí dessa cidade. Eu adoro Uberlândia, acho essa cidade uma benção de Deus. Aqui eu cresci e me casei aos 19 anos e meu marido tinha 20 anos.

Tive dois filhos, um casal. Hoje só tenho uma filha que já é casada. Meu filho morreu de acidente e me deixou 02 netos e tenho ainda mais dois netos da minha filha. Já fazem 09 anos que meu filho faleceu e com este triste acontecimento, a tragédia chegou pela segunda vez em minha vida. Sabe, meu marido morreu assassinado aos 35 anos por causa do irmão que comprou uma briga, não agüentou, saiu fora e deixou o meu marido que mataram nessa briga.

Eu estava com 34 anos quando isso aconteceu. Minha filha não havia completado 14 anos e meu filho tinha apenas 08 anos.

Foi uma época terrível, mas... já passou. É passado.

Ele me deixou uma pensão regular e com muito equilíbrio fui controlando as coisas. Logo, logo, os meninos cresceram e começaram a trabalhar; eles estudaram... minha filha hoje é professora.

Na época que meu marido morreu, nós tínhamos casa própria e graças a Deus, fomos sobrevivendo. Meus filhos se casaram e infelizmente meu filho morreu... hoje moro com minha filha, minha querida menina.

Depois da morte de meu marido, eu nunca mais tive ninguém em minha vida, até que tentei arrumar um namorado. Eu tinha 34 anos, ainda era nova e bonita mas não deu muito certo e eu também não quis nada, não insisti em arrumar alguém.

Hoje eu me arrependo, eu errei em não ter ficado com alguém pois hoje não estaria tão só. Não que me sinta sozinha, não. Tenho minha menina, meu netos, mas falta aquilo, sabe? Aquele carinho que só um bom homem pode dar pra uma mulher.

Tenho uma neta linda de 18 anos, eu durmo no mesmo quarto que ela mas sabe como é que é. Eles, os meus netos, têm a vida deles e eu tenho a minha, o SESC.

Quando eu vim aqui pró SESC, em 1988, foi que comecei a me soltar um pouco e voltei a sentir uma alegria de estar novamente em atividade, dançando, fazendo novos amigos. Aqui tem até um clima de paquera, é divertido! A gente dá boas risadas aqui.

Aqui eu fiquei durante 02 anos, depois houve a morte de meu marido e me afastei de tudo.

Em 1991, eu voltei pra cá e não saí mais! É duro viver sem o SESC. Eu faço natação, hidroginástica, controle de osteoporose, de vez em quando

eu viajo. É muito bom! Hoje eu posso te dizer que estou bem. Você vê, eu tive muita tristeza em minha vida; a morte de meu marido, depois perdi meu filho; não arrumei outro companheiro por bobagens minhas. Fiquei muito só e deixei o tempo passar. Quando eu vi, já era tarde.

Sabe menina, é um erro a pessoa pensar que não precisa de um companheiro. Eu tive oportunidades e as deixei passar.

Hoje, eu me arrependo, mas, também hoje, eu já não quero mais! Sabe porque? Hoje, eu faço minhas viagenszinhas em paz, fico uns 6/7 dias e sem me preocupar com alguém me esperando, ter que dar satisfações do que faço e tal, ter que fazer isso ou aquilo pra alguém tá-me entendendo?

Graças a Deus, eu sou uma pessoa feliz porque eu tento levar essa vida da melhor forma possível; porque a vida mesmo é a do lado de lá, minha filha, pode acreditar. Eu sou espírita praticante, então, eu tenho muita força de vontade e acho que tudo é um segmento da vida né? Tem os testes que a vida nos dá de presente de presente e que Deus nos faz passar.

A vida dos idosos hoje está muito melhor. Estão se preocupando com a gente. Eu só não estou 100% por causa da Osteoporose; é uma dor horrorosa, sabe? Tirando isso, eu estou ótima, ou seja, não estando doendo, tá tudo muito bom.

Eu gasto muito com os remédios pra essa doença. Vai quase todo meu dinheiro, mas são coisas da vida, né? Eu tenho que passar por isso. Vou tomando meus cálcios e tocando minha vida.

Venho aqui nos sábados e quartas-feiras pra dançar e me divertir. Sabe, eu ainda trabalho, ajudo minha filha na casa, arrumo as coisas, mas quando dá meio-dia, tomo meu banho, ponho minha roupinha e venho pra cá.

Aqui eu esqueço o tempo, nem vejo-as horas passando, aqui eu fico feliz e agora eu vou lá pro salão dançar. Vamos !!!”

D. D. Olinda

“Meu nome é Olinda Guimarães da Silveira, nasci numa fazenda no Município de Santa Juliana - Minas Gerais; estou com 59 anos, nasci em 06\06\38.

Sabe que já sou avó? Me casei com 20 anos, lá mesmo na região onde nasci, me casei e me mudei pra uma fazenda lá perto mesmo.

Minha infância, graças a Deus, foi linda, fui criada entre 17 irmãos, hoje, nós somos somente 11 vivos, mas minha família foi e é assim: maravilhosa; meus pais eram muito rigorosos com a gente, mas deram uma educação exemplar para os filhos. Lá em casa, nunca houve uma briga, um grito , bastava meu pai olhar em nós que todo mundo murchava, lá entendia o recado dele, todo mundo obedecia e respeitava demais. Ai de quem se atrevesse a levantar a voz ou discordar dele, ninguém se atrevia e assim nós vivemos nossa infância nesta fazenda.

Sabe, a gente brincava demais! Lá em casa, era uma animação só. Mas nós todos trabalhávamos muito também. Tínhamos nossas obrigações. Eu, por exemplo, trabalhei tanto que você nem imagina. Em casa, lavava, passava, arrumava, cozinhava e trabalhei muito também na lavoura, mas, graças a Deus, pouco tenho que me queixar de minha vida. Minha infância foi boa.

Eu pouco estudei porque não tive oportunidade, não tinha escola; a gente morava longe, era muito difícil chegar nas escolas que ficavam muito distantes.

Me casei, como já te disse, com 20 anos. Meu marido se chamava Joaquim Antônio da Silveira mas já faleceu infelizmente.

Tive duas filhas e perdi uma com apenas três aninhos de vida. Hoje, só tenho uma filha que me deu duas netas e meu genro se separou de minha filha e, assim, a gente mora juntas.

Meu marido morreu a 09 anos, em 1.989. Nós vivemos 39 anos juntos. Foi uma vida a dois maravilhosa. Meu marido era bom demais para mim, graças a Deus! Era assim, uma vida de pobre, nós trabalhávamos muito, mas éramos felizes, era bom demais!

Quando me casei, nós morávamos na fazenda, eu trabalhava demais! Depois mudamos pra outra fazenda. Você nem imagina, nem dá pra calcular o quanto nós trabalhamos, hoje em dia, eu fico ouvindo as pessoas se queixarem de trabalhar muito e ganhar pouco e fico pensando, "gente, esse

povo não sabe o que é trabalhar e ainda por cima ganhar o suficiente pra não morrer de fome”; sabe, ficam se lamentando e na verdade não sabem o que é vida dura, a base de lamparina, sem máquinas, sem eletrodomésticos, ninguém sabe é de nada! Se queixam de barriga cheia, mas isso é outra história e tem a ver com tanta coisa de governo , política e tal, mas, nessa época em que comecei a te contar , era uma labuta desde madrugada até no começo da noite.

Mas foi uma época boa, apesar de tudo. Sabe, não são as dificuldades, excesso de trabalho que faz a gente infeliz, não. É a falta de saúde que é difícil!

Bom, tive minhas filhas nesta fazenda e morei lá até minha filha completar 07 anos e começar a estudar. Ela começou a estudar ainda na fazenda, mas a medida que os estudos iam ficando mais avançados, tivemos que nos mudarmos. Fomos pra Nova Ponte onde morei cerca de 08 anos. Quando minha filha completou 15 e iniciou o curso colegial, tivemos que vir pra Uberlândia. Aqui, sempre teve mais recursos, aliás, aqui tem de tudo, né?

Apesar de pobres, eu e meu marido sempre nos esforçamos para dar estudo decente à nossa filha. Sem estudo, a gente não é nada minha filha. Sem a educação, a gente não é ninguém!

Aqui em Uberlândia, nós fomos tocando a vida. Nunca mais saímos daqui. Minha filha se formou, depois fizemos o casamento dela. Depois, aconteceu... a morte de meu marido...

Eu fiquei muito mal. Sofri demais e achei que não ia agüentar. Tive crises muito fortes de depressão; queria morrer também! Fiquei 02 anos em depressão profunda, eu gostava demais dele! A gente se dava bem demais, éramos muito felizes.

Mas depois, com o passar do tempo, as coisas começaram a se ajeitar. Minha filha veio morar comigo e minhas netas trouxeram alegria de novo pra minha vida.

Hoje, a gente vive bem; temos conforto, boa e farta comida, uma vida maravilhosa, graças a Deus, uma vida bem assim, legal!

Depois dos anos difíceis, após a morte do meu marido, minha filha descobriu este lugar aqui, o C.E.A.I.

Hoje, eu danço muito aqui. Arrumei até namorado, sério, e eu namoro como qualquer casal se namora. A gente se dá muito bem, nós só não damos muito certo pra dançar juntos, ele é meio duro sabe? Mas no resto está sendo maravilhoso. Estou gostando, me sentido muito bem!

Quanto ao futuro, eu nunca me preocupo. Se vai dar certo ou não esse meu namoro, se vou me casar novamente, isso não me preocupa.

Eu sou assim, eu vivo o presente, o hoje e o amanhã... Deus sabe. Eu sou muito positiva. Gosto muito de viver o dia de hoje. Eu sou feliz!

Sou muito vaidosa, gosto de me cuidar. A gente tem que se cuidar, ajudar a aparência. Eu trabalho muito ainda; mas toda semana arrumo meu cabelo, faço as unhas, vivo de batom, adoro enfeites, brincos, pulseiras,

colares etc. Hoje mesmo marquei com minha cabeleireira pra dar uma luzinha em meu cabelo, mas não deu tempo de ir mais cedo. À tarde, depois que sair daqui, pode ter certeza que lá estarei.

Eu sou assim e, enquanto eu tiver vida, quero viver assim, quero viver bem. Só porque eu estou entrando nos 60 eu morri? Não, eu quero é viver cada vez mais!

Prá mim, olha, velhice é feiura. Porque tudo em minha vida é bom; minha cabeça é boa, meu corpo é bom, tenho ainda muita força de vontade pra trabalhar, lutar, namorar, fazer de tudo, mas, quando olho no espelho, a feiura me arrasa porque eu me acho feia, não consigo me achar bonita. Eu tento melhorar me cuidando, mas, como já te disse, a velhice pra mim é feiura.

Sabe, a gente deveria agüentar mais tempo. Se eu tivesse dinheiro, já teria feito quantas plásticas fossem possíveis pra consertar o que eu não gosto. É isso mesmo, se uma cirurgia plástica fosse mais barata, eu já teria feito quantas precisasse, mas, infelizmente, eu não posso.

Meu namorado concorda comigo; aliás, ele sempre concorda comigo em tudo, me dá o maior apoio.

Minha filha me incentiva muito. Eu tô de bem com a vida. Sabe, sou uma daquelas poucas pessoas que pode se considerar feliz. Eu estou fazendo o que quero, tenho ótima saúde. Graças a Deus, eu não dependo dessa tal de Previdência Social que, na verdade, é mais uma das grandes vergonhas desse país.

Eu sou pensionista do meu marido. Ele trabalhava numa lubrificadora de óleo, lá perto da Souza Cruz, no Distrito Industrial de Uberlândia.

Um dia ele estava vindo embora de serviço, ele me ligou do caminho, a gente conversou um pouquinho e ele me avisou que já estava chegando em casa. Após 30 minutos que me ligou, ele morreu... (pausa). Ele estava vindo quando um caminhão dos Armazéns Martins atropelou ele em cima do passeio, não deu assistências, não deu nada... Atropelou lá e o largou lá (pausa...).

É, são coisas difíceis até pra lembrar, mas passou. As vezes, ainda dói muito, mas a gente ficar remoendo o passado é pior, né? Como se diz, o dia de ontem passou, vamos viver o hoje, eu já te disse que não gosto do passado. Até o que foi bom demais, já passou! pra mim o que importa é o hoje.

Aqui no C.E.A.I., é uma nova vida. Eu freqüento ginástica, aulas de dança; já tentei até aulas de violão, depois o violão não deu certo. Sabe, eu adoro música! Também gosto muito de viajar, mas eu quase não passeio porque tomo conta das minhas duas netas. Minha filha é muito boa pra mim. Então, ela trabalha fora, é um pouco difícil pra mim viajar, ficar longe alguns dias. Durante o dia, não tem problema porque a gente tem uma moça que toma conta das meninas e da casa, aí eu tenho tempo pra freqüentar o C.E.A.I., ir às lojas e tudo o mais; mas, a noite, preciso ficar com elas. A moça que ajuda a gente vai embora as 5:30 e minha filha chega do trabalho por volta das oito horas da noite. Então, não dá pra ausentar muito por causa das minhas netas.

Nas férias de minha filha, é um pouco diferente. A gente passeia, viaja etc. Sabe, minha filha me ajuda muito em tudo, então não me custa nada cooperar, sem falar que amo minhas netas de paixão! Para mim, estar com elas é um grande prazer!

Só tenho um pouquinho de tristezas pelo que já perdi, né?

Perdi meu marido, perdi minha filhinha de 03 anos, perdi meu pai, minha mãe. Isso marca a gente demais. É uma dor que jamais se esquece, mas sou uma pessoa feliz! A gente tenta e passa por cima desses machucados e segue vivendo. É a vida, né?"

E. D. Conceição - SESC

"Me chamo Conceição. Conceição Lemos Barsanulfo, nasci em Delfinópolis - M.G; em 13/08/27, estou com 70 anos. Morei nessa cidade em que nasci uns 25 anos.

Minha infância foi lá e foi mais ou menos. Os pais, naquela época, eram severos demais, eu brinquei muito mas também trabalhei demais! Aliás, minha vida toda foi só trabalhar, trabalhar... Sou mãe de 14 filhos.

Delfinópolis era, e acho que ainda é, uma cidadezinha muito pequenina. Nós éramos 4 irmãos, 2 homens e duas mulheres. Morreram 2 e, hoje, conseqüentemente, somos apenas 2.

Me casei com 19 anos nessa cidade mesmo. Depois de muito tempo é que me mudei pra cá, pra Uberlândia, e quando eu vim, já tinha na época, 04 filhos.

Minha vida de casada foi passando muito aperto, muita falta de dinheiro, mas, graças a Deus, trabalhando muito. Meus filhos estão todos formados hoje, agora,... (pausa)... ultimamente tenho uma filha muito doente. Ela está com 30 anos e tem esquizofrenia, mas a gente vai levando. Tenho ainda 03 filhos que estão solteiros, né? Eles ainda não se casaram.

Vivo bem com meu marido, ele é aposentado, mas nossa vida a dois é muito boa, a gente se entende. Nós dançamos, ele também frequenta aqui o SESC, daqui a pouco ele chega aqui e te apresento a ele. Eu vim na frente, não tenho muita paciência pra esperar ninguém.

Faz uns quatro anos que eu frequento o grupo de terceira idade. Aqui, a gente faz ginástica, nataçãõ, tem um mundo de coisas que a gente pode fazer aqui e esses programas, essas tardes aqui, são muito boas pra saúde da gente, pra cabeça, né? Meu marido tem aposentadoria, mas eu não tenho; aliás, eu nem preciso. Meus filhos nos ajudam, são todos controlados, bem de vida, graças a Deus, e com essa ajuda, eu e meu marido temos até uma casinhas de aluguel, que é uma renda a mais. Graças a Deus, a gente tem de tudo!

Sabe, eu me cuido muito bem, a mulher tem por obrigação ser vaidosa, ela não pode se descuidar. Só porque tenho uma certa idade vou ser desmazelada? Ah não! Tem que se cuidar e, principalmente, se divertir.

Isso aqui é divertido e eu adoro me divertir, dançar, farrear, quem inventou essas coisas para nós acertou na mosca. Aqui não tem tristezas, não; é só alegria, amigos, ...

A velhice, eu acho que... olha, todo mundo vai chegar lá um dia. Eu me cuido pra isso demorar o máximo, pra esse dia praticamente nunca chegar porque eu não me acho velha. Acho que quem já viveu um pouquinho mais que os outros não deve entregar os pontos nunca. A velhice traz doenças então, é preciso se cuidar, tentar manter uma vida boa, o mais saudável possível e aproveitar cada momento que a vida nos traz porque é um instante único que jamais voltará.

Eu me sinto feliz, graças a Deus. Embora nossa vida, no começo, não tenha sido fácil, a minha desde de criança foi de muito trabalho; hoje, já com a idade que eu estou, está tudo bem, graças a Deus.

Meus filhos, como já te disse, são muito bons e me ajudam muito. Dos 14 filhos que tive, hoje só me restaram 09. É a vontade de Deus, me levou 05 filhos, mas são coisas que a vida nos ensina. Ela nos dá e nos tira, mostrando que não somos donos de nada, nem de ninguém.

Quanto à velhice, hoje, as coisas mudaram muito e estão mudando pra melhor.

Antigamente, a gente envelhecia e ficava assim, como esperando a morte chegar. Hoje não, tem esses grupos que abrem a vida pra nós, novas oportunidades de fazer novas coisas, aprender e, principalmente, nos divertimos. Estamos gostando dessa nova forma de ser “velhos”, de encarar a “maior idade” e gostar é bom demais, né? A gente voltou a ter ilusões, gostamos de viajar, dançar, temos cursos, palestras, enfim... estão se preocupando com o amanhã que chegará para todos, sem a menor sombra de dúvidas.

As excursões que a gente faz é uma farra! Na estrada, a gente canta, faz brincadeiras no interior do ônibus, nem vemos o tempo passar. Nos acampamentos, hospedarias, pensões, hotéis, onde quer que a gente fique, é uma alegria só, é muito bom!

Meu marido sempre vai junto, ele está com 73 anos.

Quanto a felicidade, pra mim, ela é os meus filhos. Eles são muito bons e representam simplesmente TUDO para mim. Eu me sinto feliz com meus filhos, nunca me deram trabalho e eu me realizei através deles.

Tenho filhos médicos, contadores, professores superiores, empresários do ramo automobilístico e, graças a Deus, não me canso de agradecer por eles estarem bem.

Eu sou uma pessoa católica, muito religiosa e o que posso te dizer de minha vida é que sou uma pessoa feliz. E isso é simples demais!!”

F. D. Dorvina - SESC

"Dorvina Ferreira da Silva, esse é meu nome todo. Tenho 77 anos e nasci em Jardinésia, município do Prata, aqui em Minas Gerais, em 14/06/1918.

Quando nasci, nós morávamos em fazenda, minha infância toda foi na roça. Até mesmo quando me casei, morei na roça muitos anos. Tive meus filhos na roça, depois viemos de mudança pra Uberlândia. Aqui estamos a 44 anos. Quando nasci, na minha infância, éramos 11 irmãos; nós éramos pobres demais, ficávamos assim, esparramados, uns em casa, outros com parentes que moravam ali por perto, o pai e a mãe na labuta da roça, era uma peleja.

Eu ficava mais com minha avó que morava ali perto. A pobreza era tanta que, as vezes, a gente ficava até sem comer.

Foi uma infância muito difícil. Hoje em dia, eu falo pros meus meninos que me considero até rica, se comparar com a pobreza que já vivi. Moro em casa boa, tenho meus filhos todos bons, em casa tenho tudo que preciso; então, tenho que dar graças a Deus, depois de tudo que já passei.

Nossa, vou te falar a verdade menina, eu já fui miserável, pobre ao extremo, tão pobre que você nem consegue imaginar. Hoje não, hoje está tudo muito, muito melhor.

Mas continuando, eu me casei com 14 anos, é, ainda era uma menina.

Sou mãe de 12 filhos, só falta uma que morreu e somando todos os filhos dos meus filhos, entre os vivos e os que já morreram, tenho 39 netos e vai inteirar 10 bisnetos.

Me casei quando ainda morava em fazenda e continuei na lida, como se fala. Nós tocamos roça por muitos e muitos anos; eu e meu marido plantávamos arroz, feijão, mandioca, milho, esse foi um tempo de muito trabalho, mais, em compensação, tinha comida em casa.

Ah, me esqueci de te falar, quando me casei aos 14 anos, meu marido tinha 40 e poucos anos, eu não me lembro certinho a idade dele não, só sei que era mais de 40 e qualquer coisa. Ele faleceu com 61 anos, (muito novo, né?) Nós tivemos nossos filhos um atrás do outro e quando ele morreu eu fiquei com um bando de crianças quase todas ainda muito pequenas.

Meu marido, quando morreu, nós já estávamos morando aqui e quando nós dois saíamos juntos, todo mundo pensava e perguntava se eu era filha dele. Mas ele era um homem de ouro, muito bom mesmo e tudo que eu queria fazer ele me ajudava e fazia tudo para me agradar. Sabe, ele me fazia feliz. Apesar da pobreza, ele era bom demais pra mim.

Ele se chamava João Pereira da Silva.

A gente veio pra cá, minha filha mais velha ia completar 16 anos e meu marido trabalhava com serviços de matar insetos; ele matava formigas, ele ia prá roças dar combate em formigas e eu ficava com os meninos. Depois, ele começou a trabalhar na construção civil aqui em Uberlândia.

Ele trabalhava na construção daquele prédio alto, ali na Duque de Caxias, um pouco pra lá da igreja da matriz, sabe qual? Então, foi ali que ele morreu, caiu daquele prédio lá no chão. Foi um acidente horrível a morte dele. Eu era tão nova, tinha uns 43, 40 e poucos anos, e, ainda por cima, fiquei grávida de 2 meses, a maioria dos meninos todos pequenos, mas, ainda assim, graças a Deus, todos ajuizados, todos muito bons, graças a Deus; foram virando tudo trabalhadores, foram me ajudando e, graças a Deus, nunca nos faltou nada, eu nunca precisei trabalhar fora pra comprar nada. Meus filhos trabalhavam e eu dava um duro danado lavando, passando roupas, era uma dificuldade danada, pois, no começo, quando a gente veio pra cá, não tinha água lá onde nós morávamos. Era cisterna, você conhece?

Era tudo difícil demais, ferro a brasa, você nem imagina como é isso minha filha, usar lamparina, esquentar água pra todo mundo tomar banho; é foi um tempo de muito peleja que já passei nessa minha vida. As vezes, a gente pegava a mala de roupas e ia lavar lá no rio (Uberabinha).

Meus meninos iam completando nove anos e eu já os punha pra trabalhar, pra ver se eles conseguiam garantir pelo menos o pão pra eles comerem. Assim, eles cresceram todos empregados, tudo direitinho, as meninas também foram conseguindo bons empregos, todos estudavam e trabalhavam, começaram a crescer na vida, graças a Deus, a maioria deles se formaram. Casaram, tenho boas noras e bons genros, de modo que hoje eu estou bem e, quando se está bem, a gente é feliz.

Eu sou feliz, estou realizada; muita gente que me conhece e conhece minha história, fala que eu sou uma guerreira e eu também acho. Eu lutei muito pra chegar onde estou.

Muita gente fala também que eu fiquei viúva cedo demais e ainda bonita, aí eles perguntam porque eu não arrumei um outro marido, um companheiro. Então eu respondo que não preciso de homem nenhum. Preciso só dos meus filhos, netos... minha família, que, na verdade, é tudo para mim. Quem tem uma boa família como eu, vai precisar de homem pra quê?

Eu vim aqui pro SESC, para os encontros da terceira idade, porque eu tinha uma irmã que freqüentava isso aqui. Aí ela me chamou; "comadre, (nós somos comadres, sabe?), vamos lá. É divertido, a gente ocupa o tempo, passeia, dança, conhece gente diferente", aí eu vim. Meu filho também me incentivou, falou pra eu vir que ele me levaria e traria todos os dias que eu quisesse vir. Agora ele me traz e, às vezes, eu volto de ônibus mesmo, é mais fácil pra ele, coitado, e não me custa nada, não é mesmo?.

Aqui eu venho pra dançar. Já freqüentei o clube de mães há muito tempo. Depois que o clube de mães fechou e eu gostava demais, eu larguei as outras coisas. Ah, eu já estou velha, fico me cansando demais. Mas eu faço parte do grupo de carnaval do SESC, o Bloco dos Mais Vividos à uns 6/7 anos e todos os anos a gente ganha. Somos organizados, alegres, somos bonitos. Agora nós já não podemos concorrer mais, a gente apenas desfila, como se fossemos assim, uma espécie de mascote do carnaval de Uberlândia. Dentro

do Bloco dos mais Vividos, eu desfilo na "Ala dos Vai-Quem-quer ", bem a vontade!

Nem assim, no carnaval, eu arrumo namorado não. Uma vez um velho aí invocou comigo, né, disse estar gostando muito de mim e coisa e tal. Aí eu falei pra ele, "olha, tudo bem, mas primeiro estão os meus filhos, a minha família em primeiro lugar, acima de tudo. Eu não vou largar os meus por homem nenhum".

Eu moro com uma filha solteira, tenho meus filhos todos bons demais comigo, eu tenho de tudo, de modo que não preciso de ninguém nem pra me dar as coisas que posso precisar; meus filhos me dão tudo.

Ele também morava com um filho e, aí, eu falei que ele também não iria deixar o filho pra morar lá em casa; então, é melhor ficar como está, cada um no seu canto.

Eu sou aposentada. Quando meu marido morreu, foi aquele "rolo", uma burocracia danada, uma papelada e eu não consegui receber a pensão dele. Depois, consegui minha aposentadoria, deu um trabalhão e isso não vale nada, né? Mas nunca senti falta de coisa alguma! Meus filhos não deixam. Eu não pago aluguel, moro em minha própria casa mesmo, não pago água, luz, até meu telefone meus filhos pagam pra que meu dinheirinho fique todo para mim, eu compro e faço o que eu quero com meu dinheiro.

Assim eu vou vivendo, sou saudável graças, a Deus, sou sadia, me cuido, né? Adoro ficar bonita, cuidar do cabelo, passar um batom, adoro

comprar batons, tenho muitos ~~e de muitas~~ cores, muitos perfumes, brincos, gosto de esmaltes. Enfim, sou vaidosa!

Eu não fico quieta. Velho ~~se parar...~~ entreva. Eu estou sempre agitando, faço caminhadas todos os dias cedo. Meus filhos casados moram perto da minha casa; aí, minhas noras não gostam de levantar cedo. Então, virou costume, todos os dias eles tomam café na minha casa; eu levanto cedo, faço o café, preparo o leite, pão e eles vão chegando. Depois que todo mundo sai, eu dou uma ajeitada na cozinha e saio pra minha caminhada. Isso me dá muito prazer, menina, essa rotina com os meus filhos me deixa muito feliz.

Teve um tempo que eu parei um pouco com a caminhada porque eu andava sozinha, depois pensei melhor "eu nasci sozinha, não sou pregada em ninguém, que bobagem é essa agora ?", então voltei pras minhas caminhadas. É muito saudável, faz a gente se sentir bem melhor. Sabe, eu sou feliz! A felicidade pra mim é uma coisa, assim, muito boa, é quando a gente tem prazeres na vida. Eu sou feliz!

A única coisa que ~~me contraria um pouco~~ é que eu tenho um filho que, infelizmente, as vezes, bebe demais. Ele é muito bom, mas quando bebe ... então isso é a única coisa que ~~me chateia~~. Mas, tirando isso, vai tudo bem. Eu estou e sou feliz, graças a Deus".

2 - Considerações

As recordações são testemunhas de nosso passado; nossas lembranças nos permitem reviver os momentos que vivemos, sejam eles bons ou ruins.

É um processo cujas fases são compostas por pequenos ou grandes acontecimentos que constroem aos poucos nossa história e nossa vida.

As histórias dessas mulheres, relatadas neste trabalho, são, na verdade, resumos, fragmentos de momentos e acontecimentos que compõem e fazem suas vidas. Podemos, nessas entrevistas, distinguir alguns grupos em diversificadas situações.

Primeiramente, levamos em conta o momento das entrevistas; ou seja, onde se encontravam essas mulheres, o local onde deram seus depoimentos. Enquanto algumas estavam nos bailes promovidos pelos grupos da terceira idade, outras estavam em casa, longe do clima alegre e contagiante dos "Forrós".

É notável a diferença da entrevista de Da. Inácia, por exemplo, em relação às outras senhoras.

Na cama, muito doente, Da. Inácia fez o depoimento mais longo e mais completo. Foram praticamente três dias de entrevistas, com muitas pausas, crises de tosse e sem nenhuma pressa. Ela parecia sentir um prazer muito grande em conversar, contar sua vida e falar de seu passado.

Às vezes, percebia-se uma certa revolta pela doença , pela impotência de caminhar, realizar atividades relativamente tão simples e que ela já não conseguia fazer nem mesmo com demasiado esforço. Se deprimia pela dependência em relação à filha e a outras pessoas para tudo o que precisasse ou quisesse fazer.

Ela falava com saudade do tempo das viagens, de sua vida independente. Foi um momento nostálgico na realização deste trabalho. Uma vida bela, momentos passados e descritos de forma tão marcante que as vezes conseguem nos fazer visualizar instantes que não presenciamos, mas que conseguimos construir na nossa imaginação.

Em comum, praticamente todos os depoimentos trazem uma infância de pobreza e inúmeras dificuldades. Os pais tinham muitos filhos, o trabalho excessivo de toda família na roça; aliás, a roça, as pequenas agriculturas, foram presenças unânimes nas entrevistas, o que deixa parecer muito longe a sociedade industrial no passado dessas pessoas simples.

Outra particularidade dessas mulheres é que todas, após as dificuldades no começo de suas vidas, obtiveram melhores condições de vida com o passar do tempo. Financeiramente, todas , com exceção de Da. Inácia, são muito gratas à vida por ter lhes proporcionado um certo conforto com o casamento , vinda dos filhos e, principalmente, com a mudança da família para Uberlândia.

Os filhos foram e são o grande êxito dessas mulheres. Muitas até se sentem realizadas através deles; falam com orgulho das etapas vencidas para criá-los, a preocupação com a educação e formação de caráter decentes, pessoas honestas, trabalhadoras e batalhadoras e, finalmente, a vitória em vê-los formados, bem encaminhados e vencendo na vida.

No grupo das viúvas e separadas, essa questão é apresentada de forma simples e direta e elas deixam explícita sua força de mulher, dona de casa e mãe que, mesmo sem a presença do companheiro, conseguem manter suas famílias unidas e, segundo elas, “na ordem que devem ter”.

É notável nas entrevistas e nas conversas antes das gravações, que a presença masculina não faz falta nenhuma no sentido de conduzir suas vidas. Às vezes, algumas falam com saudades dos maridos, mas em nenhum momento deixam de afirmar que, embora tenham ficado sozinhas, foram capazes de “dar a volta por cima”, tendo a força necessária para prosseguirem conduzindo suas vidas.

As que estão namorando e mesmo as que tentaram arrumar outro companheiro, nota-se que é mais uma busca de divertimento do que a tentativa de um relacionamento mais envolvente e mais sério. Elas evitam um comprometimento maior e mais conseqüente.

Antes de seu depoimento, enquanto falava um pouquinho de sua vida, Da. Nilza fez a seguinte afirmação ...”numa família, se o pai morrer, tudo continua correndo normalmente, mas se a mãe morrer, acabou, fica tudo

bagunçado, acaba a união, acaba tudo...” Ela se referia à mágoa pelo pai ter abandonado a família logo depois que ela nasceu e ainda continua”... ele não fez falta nenhuma...”, ao mesmo tempo coloca a figura da mãe como o “esteio” de uma família.

A figura forte da mãe, do esteio da família, se mostra clara nas entrevistas dessas senhoras que, por nenhum momento, reclamam de suas vidas atuais. Apesar do corpo estar cedendo aos ataques implacáveis do tempo, todas ainda demonstram garra e vitalidade.

Finalizando, acredito que Zuleika Alembert¹², feminista brasileira, sintetiza poeticamente, a trajetória dessas mulheres: *“Sempre que penso nas mulheres me vem a imagem de um rio enorme e caudaloso que temos de atravessar. Umas, apenas molham os pés e desistem. Outras nadam até a metade e voltam, temendo que lhes falem forças. Mas há aquelas que resolvem alcançar a outra margem, custe o que custar. Nos embates da travessia vão largando pedaços de carne, pedaços delas mesmas. E pode parecer aos outros que do lado de lá vai chegar um trapo humano, uma mulher estraçalhada, mas não. O que ficou pelo meio do caminho é tão somente a pele velha. Chega na outra margem uma NOVA MULHER. Eu me sinto uma dessas mulheres”*.

¹² ALEMBERT, Zuleika. Mulheres. In.: Agenda 1996.

Conclusão

"Esta mulher que é minha mãe

Esta mulher que é minha avó

Esta mulher que é minha filha

Esta é a mulher que sou.

Sou todas elas, inda mais algumas e
nenhuma delas, nenhuma, nenhuma delas é

A mulher que sou!".

(Atribuído a Clarice Lispector)

Conclusão

Não há dúvida que envelhecer no Brasil é uma aventura e que epidemiologistas, através de estudos, garantem que nossa população envelhece a passos largos. Segundo esses mesmos estudiosos, a partir do ano 2.000, o Brasil passará a ocupar a sexta posição mundial em números de idosos. Então, temos que repensar essa questão de ser velho no Brasil.

Repensar a velhice significa abordar a construção social de um fenômeno que atinge um segmento populacional crescente.

Segundo a geógrafa Maria Ana Moura¹³, *"As ciências médicas da velhice têm grande interesse em traçar com clareza o perfil do idoso, prescrevendo como e de que forma envelhecer, refletindo sobre programas adequados aos alvos que estabelecem."*

Já o Estado especifica direitos e prerrogativas, implantando medidas legais que, de modo lento ou rápido, alteram pouco a pouco a condição do idoso".

Estudos mostram que, historicamente, essas duas ordenações se harmonizam, às vezes, e, às vezes, se afastam, formalizando um quadro de disputas entre instituições que atendem a terceira idade, de tal modo que, "protegido e guiado", o idoso(a) se encontra subordinado às ciências médicas

¹³ SILVA, Maria Ana M. de O. Velhos de rua no Brasil: a morte silenciosa. In.: Revista 3ª Idade, ano IX, n.º. 12, outubro/96.

e ao Estado, reduzido a objeto de atendimento, longe de ser sujeito direcionador de sua própria história.

Alvos de preocupação de estudantes e dos serviços de assistência social, tanto as crianças quanto os idosos(as), estão presentes, com cada vez mais frequência, nos projetos de prioridades e atendimentos que visam o bem estar social. No caso específico deste trabalho, a mulher idosa de Uberlândia surpreende no que se refere à sua consciência e coragem.

Tendo em vista as entrevistas, os relatos nos trazem, em termos de contexto geral, uma figura forte e destemida, cujos obstáculos da vida são superados e avaliados de forma a ampliar seus conhecimentos e a melhorar seu dia-a-dia. Ela busca uma vida melhor, consciente de suas potencialidades, aberta para a natureza, para o amor e a vida.

Os programas para a Terceira Idade proliferam no contexto brasileiro, e, principalmente a partir dos anos 80, esses programas buscam amenizar aos efeitos da velhice, integrando o velho na sociedade e evitando que, nas condições atuais de pobreza social e política, falar da qualidade de vida do idoso seja falar do abandono, do sofrimento, da indiferença e dos asilos.

Reflexo de nossa situação peculiar, os problemas do idoso(a) no Brasil demonstram o desmoronamento de nosso estado, do bem estar e das estruturas sociais que relegam os velhos ao terceiro plano das prioridades assistenciais. Esses problemas são resultadores da falta de coerência de nosso sistema previdenciário.

Maria Ana Moura de O. Silva¹⁴ ainda cita em seu texto que “...os problemas enfrentados pelo sistema previdenciário brasileiro e indefinição de uma política única de Previdência Social, comprovam que o país não está preparado para lidar com esse crescente contingente populacional. Há um desajuste crescente na estrutura social do país. Assim sendo, não há espaço para os velhos no ambiente urbano, na comunidade, nem no espaço doméstico”.

Desta forma, na atual conjuntura, é de vital importância que as atenções se direcionem para a qualidade de vida do idoso(a).

Nas pesquisas, entrevistas e visitas aos locais onde as idosas são integradas aos grupos da terceira idade, como SESC. e CEAL., pude realizar observações interessantes no que se refere à velhice de homens e mulheres.

Existem diferenças nas formas de envelhecer, e essas diferenças são elementos essenciais para compreensão e a concepção de velhice que cada um tem de si mesmo.

Nos bailes, por exemplo, as diferenças comportamentais trazem para a mulher a impressão de que para elas é muito mais fácil aceitar e conviver com a velhice de uma forma menos desgastante ; ou seja, a postura da mulher, no interior dos programas, é muito mais proveitosa.

Ela participa mais das atividades oferecidas, aproveita melhor as oportunidades, frequenta mais as palestras e é uma ouvinte interessada e

¹⁴ SILVA, Maria Ana M. de O. Op. Cit.

participante, que busca colocar em prática tudo o que aprendeu e que, de alguma forma, possa colaborar com a sua qualidade de vida e, consequentemente, com a sua felicidade.

As mulheres também parecem ser bem menos preconceituosas e mais propensas a aceitar o novo. Ela está atenta aos problemas da velhice, ao crescimento da população idosa e buscando seu lugar na sociedade. Ela tenta, assim, recuperar o respeito e sua auto-estima.

A maioria encara os problemas vividos e acumulados ao longo da vida, como uma história passada, e tenta excluir as amarguras com a perspectiva de dias melhores.

Finalmente, os programas para a Terceira Idade criaram um espaço coletivo para a redefinição de formas de sociabilidade e de estilos de vida para as mulheres que, ante as perdas indesejadas, buscam novas formas de viver a liberdade que lhes é apresentada. Homens e Mulheres lutando contra os preconceitos e contra os estereótipos associados à velhice e a favor da criação de espaços coletivos para vivenciar uma experiência inédita na história.

Um toque no Salão

Eles começaram a chegar, aos poucos, em grupos ou sozinhos, e vão se somando em números cada vez maiores de pessoas idosas. Alguns parecem muito tranquilos, outros não disfarçam certa ansiedade. Todos estão bem arrumadinhos, especialmente “elas”, as mulheres da Terceira Idade; cheirosas, com as bocas coloridas pelos batons da moda, suas bijouterias alegres, seus vestidos enfeitados. Chegam e ficam por ali, conversando, rindo, comentando um ou outro assunto.

De repente, uma sanfona, um violão, um pandeiro e um surdo. Um espaço arejado onde janelas e grandes ventiladores buscam amenizar um calor que vem não só do clima quente do sol das 15:00 horas, mas também do calor humano que neste momento preenche todo o salão.

Os pares se formam numa mágica perfeita, eles com elas e muitas vezes elas com elas mesmas, o que importa?

É interessante! Se “eles” as chamam para dançar, elas vão, e vejo muito par de mulher com mulher, nenhum de homem com homem. Meu Deus! Eles são sempre os mesmos “homens formados por uma cultura machista” e que... Ah deixa para lá!

Indiferentes a minha crítica, eles ali bailam, horas a fio, lentos, mas constantes. As expressões de seus rostos emocionam. A troca de seus passos revelam o cansaço, o desgaste de toda uma vida.

E eles continuam a bailar!

Olhando para essas pessoas tão simples, tão belas, dá uma vontade de chorar. Às vezes, como neste momento... estas músicas... é até impossível conter as lágrimas.

Inevitavelmente, você pensa em si mesmo; sua velhice está cada vez mais perto e você não quer que seja assim, não com estas expressões de melancolia e cansaço, que o tempo e a vida estampam na face de cada um como uma maquiagem definitiva e irreversível. Não com esta sensação de final do último baile.

Mas eles parecem estar felizes! Eles bailam!... Bailam.

Agora, o ritmo se torna mais rápido e o forró prossegue num “xote” animado e eles continuam a bailar.

Alheios aos sentimentos de quem observa e sente uma dor inexplicável de ver tanto tempo para tão pouca vida.

Daqui a pouco, algumas dessas pessoas não existirão mais, elas serão apenas o passado e as lembranças de alguém que neste momento se revolta contra o tempo intangível, cruel, implacável que continuará sua peregrinação, marcando sem piedade mais rostos e corpos, arrastando passos cada vez mais lentos de quem algum dia, já correu e tinha pressa demais... Estou assustada! De repente, a vida me deu um “toque”.

E enquanto isso... eles continuam a bailar...

(Meu Deus, de repente tudo isso aqui me pareceu triste demais)¹⁵.

¹⁵ Impressões de um Forró do SESC – da autora – dia 5/11/92 (neste dia não veio tanta gente como de costume, devido ao encontro no estádio).

Ser Idoso e Ser Velho¹⁶

"Idoso é quem tem muita idade; velho é quem perdeu a jovialidade. A idade causa a degenerescência das células; a velhice, a degenerescência do espírito.

Você é idoso quando se pergunta se vale a pena; você é velho quando, sem pensar, responde que não. Você é idoso quando sonha, você é velho quando apenas dorme. Você é idoso quando ainda aprende; você é velho quando já nem ensina. Você é idoso quando se exercita; você é velho quando apenas descansa. Você é idoso quando ainda sente amor; você é velho quando só sente ciúmes. Você é idoso quando o dia de hoje é o primeiro do resto de sua vida; você é velho quando todos os dias parecem o último da longa jornada. Você é idoso quando seu calendário tem amanhã; você é velho quando ele só tem ontem.

O idoso se renova a cada dia que começa, o velho se acaba a cada noite que termina, pois enquanto o idoso tem seus olhos postos no horizonte, de onde o sol desponta e ilumina a esperança, o velho tem sua miopia voltada para as sombras do passado. O idoso tem planos, o velho tem saudades. O idoso curte o que lhe resta da vida, o velho sofre o que o aproxima da morte. O idoso leva uma vida ativa, plena de projetos e preche de esperança. Para ele, o tempo passa rápido, mas a velhice nunca chega. Para o velho suas horas se

¹⁶ Folheto entregue aos idosos(as) no Encontro Nacional de Idosos no Parque do Sabiá – Uberlândia.

arrastam destituídas de sentido. As rugas do idoso são bonitas porque foram marcadas pelo sorriso; as rugas do velho são feias porque foram vincadas pela amargura.

Em suma, idoso e velho podem ter a mesma idade no cartório, mas têm idades diferentes no coração.

Que você, idoso, viva uma longa vida, mas nunca fique velho.”

Jorge R. Nascimento

Bibliografia

- BEAUVOIR, Simone. A Velhice, a Realidade Incômoda. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1976.
- BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. São Paulo, Ed. A. Queiroz, 1979.
- BRANDÃO, Ignácio Loyola. SESC, 50 anos. In.: Revista 50 Anos – SESC. São Paulo, Editora Gente, 1996.
- BRUSCHINI, Cristina. Trabalho Feminino: Trajetória de um tema, perspectivas para o futuro. In.: Revista Estudos Feministas. Rio de Janeiro, Vol. 2, n.º 1, 1994.
- DEBERT, Guitta Grin. Gênero e Envelhecimento. In.: Revista Estudos Feministas. Vol. 2, n.º 3, 1994.
- FENELON, Déa Ribeiro. O historiador e a cultura popular – história de classe ou história do povo? In.: Revista História e Perspectivas. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, n.º 6, Jan/Jun – 1992.
- FRANÇA, Lúcia Helena de Freitas Pinho. Perspectivas Existenciais num Grupo de Idosos. In.: Intercâmbio. Rio de Janeiro, Vol. 2, mai/ago, 1998.
- GUTIÉRREZ, Edda. Mulher na Menopausa: declínio ou renovação? Rio de Janeiro, Ed. Rosa dos Tempos, 1992.
- LIBERATO, Elizabeth Moraes. Educação Continuada e Faculdade da Terceira Idade. In.: Caderno da Terceira Idade. São Paulo, SESC, Ano IX, n.º 12, 1996.
- MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. Envelhecimento e Resistência Cultural. In.: Intercâmbio. Rio de Janeiro, Vol. 1, n.º 1, Jan/Abr, 1998.

- _____. Idosos: Projeto de Vida e Sociedade. In.: Intercâmbio. Rio de Janeiro, Vol. 2, n.º 6, Set/Dez, 1998.
- OLIVEIRA, Paula de Salles. Vidas Compartilhadas. O Universo cultural nas relações entre avós e netos. São Paulo, 1 P/USP, 1993.
- _____. Universidade Aberta e Coeducação de Gerações. (mimeo). Seminário da Terceira Idade – UNESP – Marília, 1994.
- PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. In.: Revista Brasileira de História. São Paulo, ANPUH, Vol. 9, n.º 18, 1989.
- PEREIRA, Maria Lúcia da Cruz, et alii, Mulher, 40 graus à sombra: reflexões sobre a vida a partir dos 40 anos. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 1994.
- PRADO, Maria Lígia Coelho. Em busca da participação das mulheres nas lutas pela independência política na América Latina. In.: Revista Brasileira de História. São Paulo, ANPUH, N.º 23/24, 1994.
- RAGO, Margareth. Adeus ao Feminismo? Feminismo e (Pós) Modernidade no Brasil. In.: Cadernos EAL (Arquivo Edgard Leuenroth). Unicamp, Capinas, S. P., n.º 3/4, 1995/1996.
- RIVA, Eliana Barbosa Gonçalves. Terceira Idade: Programa Integrado. In.: Caderno da Terceira Idade. São Paulo, SESC, Ano IX, n.º 12, 1996.
- SALGADO, Marcelo Antonio. Escola Aberta para idosos: uma abordagem sócio-educativa. In.: Caderno da Terceira Idade. São Paulo, SESC, Ano X, n.º 19, 1996.
- SAMARA, Eni Mesquita. Mulheres das Américas: Um repasse pela historiografia latino americana recente. In.: Revista Brasileira de História. São Paulo, ANPUH, Vol. II, n.º 21, 1991.
- SILVA, Marcos A. A História e seus limites. In.: Revista História e Perspectivas. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, n.º 6, 1992.

SILVA, Maria Ana Moura de Oliveira. Velhos de rua no Brasil: A morte silenciosa. In.: In.: Caderno da Terceira Idade. São Paulo, SESC, Ano IX, n.º 12, 1996.

SILVA, José Anísio da. O Idoso no Brasil: Novas Propostas. In.: Intercâmbio. Rio de Janeiro, Vol. 10, n.º 4, Jan/Abr, 1991.

SILVA, Osvaldir Vieira. Envelhecer no Brasil, uma aventura. In.: Caderno da Terceira Idade. São Paulo, SESC, Ano IX, n.º 12, 1996.

TILLY, Louise A. Gênero, História das Mulheres e História Social. In.: Cadernos Pagu. Campinas, Unicamp, Vol. 3, 1994.

VIANA, Marcos Aurélio Ferreira. O melhor ano da Vida. In.: Revista 50 Anos – SESC. São Paulo, Ed. Gente, 1996.

YANNOULAS, Silvia Cristina. Iguais mas não Idênticos. In.: Revista Estudos Feministas. Rio de Janeiro, Vol. 2, n.º 3, 1994.

Jornais, Revistas e outros.

Correio do Triângulo – Uberlândia – MG, 21/07/96.

Revista Cláudia – n.º 359, ano 31, agosto 1991.

Revista Veja – Edição Especial – Mulher, a grande mudança no Brasil. São Paulo, Ed. Abril, n.º 2, Ago/Set, 1994.

RICHAYMCURM, Arnaldo. Entrevista: Jornal “Bom dia Brasil” – Rede Globo de Televisão – 15/07/96.

“Jornal Nacional” – Rede Globo de Televisão. Matéria sobre os idosos no Brasil – 05/01/96.

ABEMBUT, Zuleika. Mulheres. In.: Agenda. 1996.